



UNIVERSIDADE DO VALE DO TAQUARI
CURSO DE JORNALISMO

**JOSÉ SEBALD HAMMES: O VALOR DE SUAS FOTOGRAFIAS PARA
A DOCUMENTAÇÃO DA HISTÓRIA SOCIAL DE LAJEADO,
A PARTIR DE UMA ANÁLISE ICONOGRÁFICA E DE
INTERPRETAÇÃO ICONOLÓGICA**

Pietra Darde

Lajeado/RS, dezembro de 2023



Pietra Darde

**JOSÉ SEBALD HAMMES: O VALOR DE SUAS FOTOGRAFIAS PARA
A DOCUMENTAÇÃO DA HISTÓRIA SOCIAL DE LAJEADO,
A PARTIR DE UMA ANÁLISE ICONOGRÁFICA E DE
INTERPRETAÇÃO ICONOLÓGICA**

Monografia apresentada no componente curricular Trabalho de Conclusão de Curso II, do curso de Jornalismo, da Universidade do Vale do Taquari - Univates, como parte da exigência para a obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Profa. Dra Renata Lohmann

Lajeado/RS, dezembro de 2023

Pietra Darde

**JOSÉ SEBALD HAMMES: O VALOR DE SUAS FOTOGRAFIAS
PARA A DOCUMENTAÇÃO DA HISTÓRIA SOCIAL DE
LAJEADO, A PARTIR DE UMA ANÁLISE ICONOGRÁFICA E DE
INTERPRETAÇÃO ICONOLÓGICA**

A Banca examinadora abaixo aprova a Monografia apresentada no componente curricular Trabalho de Conclusão de Curso II, do Curso de Jornalismo, da Universidade do Vale do Taquari - Univates, como parte da exigência para obtenção do título de Bacharela em Jornalismo:

Prof. Dra. Renata Lohmann - orientadora
Universidade do Vale do Taquari - Univates

Dr. Michel de Oliveira

Me. Lidiane Mallmann

Lajeado/RS, 01 de dezembro de 2023

AGRADECIMENTOS

Perdi a conta das vezes em que duvidei da minha capacidade para concluir esta etapa, mas o processo foi mais tranquilo do que eu imaginava. Isso porque essa conquista não foi alcançada sozinha, pois contei com o apoio de muitas pessoas que desejo usar este espaço para agradecer.

Em primeiro lugar, agradeço a minha família. Me sinto privilegiada em ter pais tão presentes, carinhosos e que me ajudaram a transformar cada frio na barriga em empolgação para seguir em frente. À minha mãe, Rejane, que me apoiou incansavelmente, me incentivou a não desistir em nenhum momento, e que me inspira diariamente a não desistir dos meus sonhos. Minha mãe é meu porto seguro, minha melhor amiga, e contar com ela durante esta jornada foi fundamental.

Agradeço também ao meu pai, Luiz, que não apenas financiou meus estudos, como também me ajudou em vários momentos opinando com base em seus conhecimentos na área da comunicação. Ele também me incentivou e me auxiliou intensamente ao longo desta pesquisa. Sinto muito orgulho dele por ser, atualmente, o grande guardião da memória de Sebaldo e por manter viva essa história. Mas principalmente, agradeço a ele por me acalmar, com toda sua paciência e tranquilidade, e pelo abraço fofo e aconchegante.

Aos meus irmãos, Luiz Augusto, Augusto e Ivi, agradeço o apoio moral, inspiração profissional que vocês representam e por fazerem parte dessa jornada ao ouvirem as minhas experiências e perrengues da vida universitária. Família, eu não chegaria até aqui sem o amor, atenção e o afeto de vocês. Não é da família, mas é

como se fosse: Gisele. Eu gostaria de agradecer à Gisele, por todo carinho diário e por ter preparado várias das minhas refeições, fornecendo a energia necessária para eu continuar.

À professora doutora Renata, minha orientadora, dedico minha gratidão pela empolgação e motivação que me proporcionou desde o início deste trabalho. Em muitos momentos ela foi minha luz quando eu me sentia perdida em meio a tantas ideias e informações. Obrigada por ter me auxiliado a chegar até aqui e por me inspirar também na área da fotografia. Ao professor Flávio Meurer, que também me ajudou a criar este projeto do zero e que me presenteou com seu vasto conhecimento que eu tanto admiro. Em nome dele, agradeço a todos os outros professores que fizeram parte desta minha jornada.

Também quero agradecer à Prefeitura Municipal de Lajeado, especialmente à Adriana do Arquivo Municipal, por sua ajuda na separação de documentos e jornais antigos, que me forneceram dados importantes para esta pesquisa.

Estendo meus agradecimentos também aos meus amigos e colegas de trabalho por me ouvirem em vários momentos e tornarem os dias difíceis desta jornada acadêmica mais divertidos e felizes.

Meus agradecimentos também vão a todas as pessoas que gentilmente se dispuseram a participar desta pesquisa, compartilhando suas lembranças e experiências do passado, tornando-se fontes importantes na recuperação das informações das fotografias selecionadas de Sebaldo. Sem vocês nada disto seria possível.

Ainda, agradeço à Universidade do Vale do Taquari - Univates, que foi minha segunda casa durante sete anos e que me possibilitou viver várias experiências, tanto pessoais quanto profissionais. Em primeiro lugar, ainda no segundo semestre do curso, me tornei bolsista de pesquisa no projeto de Comunicação, Educação Ambiental e Intervenções. Depois, passei pelo meu estágio na assessoria de comunicação da Prefeitura de Lajeado e, por último, é onde trabalho até o momento como técnica-administrativa no setor de Marketing e Comunicação da instituição. Graças à Universidade, me tornei uma pessoa e profissional melhor, formei opiniões e conheci pessoas maravilhosas, hoje amigos especiais, que levarei para sempre comigo.

Por fim, gostaria de prestar uma homenagem especial ao protagonista deste trabalho, José Sebaldo Hammes. Mesmo não estando mais entre nós, ele continuou a

ensinar muitas pessoas, assim como eu, sobre fotografia, além de valores como generosidade e sensibilidade. Este trabalho é uma homenagem a ele e a todos os outros fotógrafos cujo talento muitas vezes não receberam o reconhecimento merecido.

Agora, após 7 anos, esta jornada chega ao seu fim. A Pietra de 2017, que não tinha ideia do que pesquisaria em seu TCC, certamente se orgulha dessa trajetória e da escolha de explorar a obra de Sebaldo.

Lá longe no tempo, a vocação revelou descobertas de novos caminhos
Do quarto escuro, com lentes abertas,
brotavam carinhos, imagens do preto ao branco e quadros de arte.

Cliques, flashes e fotos ficavam na espera, em busca de donos
De olhos nos olhos, do vinho e do pão
Que às vezes vinham do afeto, de um bom coração.

O tempo passou e nem passarinho olhava para as lentes...
deixando um vazio, um branco e a falta da gente...total solidão!
Ficaram imagens vagantes...milhares de sonhos empilhados num canto...
Agora, não como antes, mas bonitos de ser, bonitos de ver!

Autor de um tesouro, de muitas lembranças,
hoje, SEBALDO pertence ao vento!
Voa Sebaldo e mostra ao mundo, mostra pra gente...
porque vivestes assim... tão diferente.

Luiz Darde (2023)

RESUMO

A fotografia desempenha várias funções, entre elas a documentação de fragmentos da realidade. Até o século passado, o acesso à fotografia era limitado em comparação com os dias atuais. Nesse contexto, destaca-se o trabalho de José Sebald Hammes, um dos primeiros fotógrafos profissionais de Lajeado, RS. Conhecido como Sebald, ele documentou a história social da cidade, capturando momentos que proporcionam conhecimento sobre hábitos e costumes da época e a evolução de Lajeado. Esta pesquisa tem como objetivo compreender o valor das imagens fotográficas de José Sebald Hammes para a documentação da história social de Lajeado, RS. A pesquisa seguirá uma abordagem qualitativa e utilizará métodos como pesquisa bibliográfica, pesquisa documental e entrevistas em profundidade. Além disso, serão analisadas cinco fotografias de Sebald por meio da metodologia de análise iconográfica e de interpretação iconológica desenvolvida por Boris Kossoy.

Palavras-chave: Fotografia; Documento Histórico; Iconografia; Iconologia; Sebald.

ABSTRACT

Photography performs several functions, including documenting fragments of reality. Until the last century, access to photography was limited compared to today. In this context, the work of José Sebald Hammes, one of the first professional photographers from Lajeado, RS, stands out. Known as Sebald, he documented the city's social history, capturing moments that provide knowledge about habits and customs of the time and the evolution of Lajeado. This research aims to understand the value of José Sebald Hammes' photographic images for documenting the social history of Lajeado, RS. The research will follow a qualitative approach and will use methods such as bibliographical research, documentary research and in-depth interviews. Furthermore, five photographs of Sebald will be analyzed using the methodology of iconographic analysis and iconological interpretation developed by Boris Kossoy.

Keywords: Photography. Historical document. Iconography. Iconology.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - José Sebald Hammes na época que era seminarista	19
Figura 2 - José Sebald Hammes fotografado durante uma cobertura fotográfica	21
Figura 3 - José Sebald Hammes no dia que concedeu entrevista para a jornalista Carolina Gasparotto	21
Figura 4 - Autorretrato de Sebald exibindo seus ferimentos para a câmera	22
Figura 5 - Última entrevista de José Sebald Hammes realizada pela jornalista Carolina Gasparotto na residência do fotógrafo, em 2011	24
Figura 6 - Autorretrato de José Sebald Hammes	27
Figura 7 - José Sebald Hammes aparece no reflexo da fotografia.....	28
Figura 8 - Análise iconográfica e interpretação iconológica	45
Figura 9 - A colheita do café.....	46
Figura 10 - Desfile Rainha das Piscinas – CTG Bento Gonçalves	49
Figura 11 - Encerramento da segunda edição da Festa à Fantasia.....	52
Figura 12 - Desfile de carnaval de rua	54
Figura 13 - Apresentação artística em evento religioso	56
Figura 14 - Turma da primeira série do Colégio Madre Bárbara	58

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
1.1 Problema de pesquisa	13
1.2 Hipótese	13
1.3 Justificativa.....	13
1.4 Objetivo geral	15
1.5 Objetivos específicos.....	15
1.6 Método de pesquisa	15
2 REFERENCIAL TEÓRICO	18
2.1 José Sebald Hammes.....	18
2.2 Características de Sebald.....	27
2.3 Filtro Cultural.....	29
3 LAJEADO, RS	32
4 FOTOGRAFIA COMO DOCUMENTO E MEMÓRIA	35
5 ORIGEM DO TERMOS ICONOGRAFIA E ICONOLOGIA	40
5.1 Iconografia e iconologia a partir de Erwin Panofsky	41
6 ANÁLISE ICONOGRÁFICA E INTERPRETATIVA ICONOLÓGICA DE BORIS KOSSOY	43

7 ANÁLISE DE ICONOGRAFIA E DE INTERPRETAÇÃO ICONOLÓGICA DE FOTOGRAFIAS SELECIONADAS DE SEBALDO	49
8 INTERPRETAÇÕES A PARTIR DA ANÁLISE.....	61
9 CONSIDERAÇÕES FINAIS	65
REFERÊNCIAS.....	68
APÊNDICE A – VERA LAU E A FOTOGRAFIA IMPRESSA.....	75
ANEXO A – CERTIDÃO DE NASCIMENTO	77

1 INTRODUÇÃO

Atualmente, com a popularização das câmeras digitais e dos smartphones, a fotografia tornou-se uma prática acessível e presente em nossas vidas. Joan Fontcuberta (2012) diz que em tempos passados a prática de fotografar era considerada um privilégio, enquanto atualmente ela se tornou extremamente comum e está integralmente incorporada à vida das pessoas, assim como outras atividades cotidianas.

Ou seja, há algumas décadas, o acesso à fotografia era mais restrito e sua prática era reservada a menos profissionais.

É nesse contexto que se destaca o trabalho de José Sebaldo Hammes, um dos primeiros fotógrafos profissionais de Lajeado. Sebaldo, como era conhecido popularmente, documentou a história social da cidade, capturando momentos que nos ajudam a entender fatos históricos, a evolução da cidade, bem como os hábitos e costumes da comunidade da época. Isto é, seu trabalho é ainda mais significativo porque, quando começou a fotografar, a prática fotográfica era restrita a poucos profissionais e entusiastas na região do Vale do Taquari, onde Lajeado, RS, se insere. Se hoje muitas pessoas têm lembranças de suas primeiras comunhões, festas, de entes queridos, é provável que tenha sido Sebaldo quem fotografou. E se hoje existem registros espontâneos de como aconteciam os eventos sociais de Lajeado, pode ter sido Sebaldo quem os registrou.

A fotografia é uma importante fonte histórica e cultural, capaz de revelar informações e significados que vão além da mera representação do real. Como afirma Boris Kossoy em seu livro "Fotografia e História":

O fragmento da realidade gravado na fotografia representa o congelamento do gesto e da paisagem, e portanto a perpetuação de um momento, em outras palavras, da memória: memória do indivíduo, da comunidade, dos costumes, do fato social, da paisagem urbana, da natureza. A cena registrada na imagem não se repetirá jamais. O momento vivido, congelado pelo registro fotográfico, é irreversível. A vida, no entanto, continua e a fotografia segue preservando aquele fragmento congelado da realidade (Kossoy, 2014, p. 171-172).

No entanto, apesar da importância do trabalho de Sebald, sua obra foi menosprezada por muitos anos e seu acervo só começou a ser valorizado após sua morte, em 2014. Por isso, nesse projeto de pesquisa, busca-se resgatar e valorizar a importância do trabalho de Sebald, além de compreender o significado das imagens por ele registradas. Para tanto, utilizaremos as ferramentas da análise iconográfica e de interpretação iconológica, conforme conceituadas por Boris Kossoy em seu livro "Fotografia e História".

Para Kossoy (2014), análise iconográfica refere-se a uma análise de descrição do conteúdo visual de uma imagem, enquanto a de interpretação iconológica, segundo o autor, é uma análise interpretativa do contexto que originou a foto, a primeira realidade.

Ou seja, compreende-se por análise iconográfica a identificação e descrição dos elementos visuais presentes nas imagens, tais como objetos, pessoas, paisagens, entre outros, com o objetivo de compreender o que está representado na imagem. Já a análise da interpretação iconológica busca ir além da representação visual da imagem, investigando os significados simbólicos, culturais e históricos presentes nas imagens, bem como a relação desses significados com o contexto sociocultural em que as fotografias foram produzidas.

A escolha do fotógrafo José Sebald Hammes como objeto de estudo também se justifica pela proximidade da autora com o acervo, já que um dos guardiões da memória e responsável hoje pelo acervo do Sebald é seu pai, Luiz Darde. Por muito tempo, as fotografias do Sebald ficaram acondicionadas, de maneira provisória, na casa da autora, que também é fotógrafa.

Assim, a presente pesquisa busca contribuir para a valorização da obra de José Sebald Hammes, bem como para contribuir no conhecimento em áreas relacionadas à história e à fotografia. A análise iconográfica e de interpretação iconológica das fotografias selecionadas permitirá identificar os valores que as imagens carregam para a história social da cidade de Lajeado, RS.

1.1 Problema de pesquisa

Qual é a importância das imagens fotográficas de José Sebald Hammes para a história social da cidade de Lajeado, RS, considerando tanto a análise iconográfica quanto a análise de interpretação iconológica de Boris Kossoy?

1.2 Hipótese

Uma hipótese possível para este projeto de pesquisa é que as fotografias de José Sebald Hammes desempenham um papel fundamental na construção de documento histórico e da memória coletiva de Lajeado, RS. Essa hipótese se baseia na relevância histórica e social do trabalho de Sebald, que documentou acontecimentos importantes de Lajeado por quase quatro décadas. A análise iconográfica e iconológica das fotografias selecionadas permitirá investigar o valor documental que as fotografias possuem. Vale ressaltar que essa é apenas uma hipótese possível e que o trabalho de pesquisa pode levar a outras conclusões ou descobertas.

1.3 Justificativa

José Sebald Hammes, mais conhecido como Sebald, foi um fotógrafo que desempenhou um papel fundamental na história de Lajeado, RS. Ele documentou, entre os anos de 1966 e 2002, eventos importantes, sendo eles formais ou informais, realizados pelo poder público ou pela comunidade. Por muito tempo, Sebald foi um dos poucos fotógrafos da cidade. Suas fotografias retratam a história social de Lajeado e ajudam a entender os fatos históricos e a evolução da cidade (Togni, 2020, entrevista oral).

No entanto, Sebald não teve o reconhecimento que merecia durante sua vida e sua obra foi menosprezada por muitos anos. Hoje, o nome “Sebald” se perpetuou, sendo atrelado muitas vezes a motivos de piada e gozação. “Lá vem o Sebald”. “O Sebald, faz uma foto pra mim”. Isso porque o fotógrafo estava presente em várias cenas da cidade, quase onipresente.

Quando faleceu, em 2014, vítima de um acidente cardiovascular, deixou um acervo com cerca de 30 mil fotografias, em negativo e impressas, entre outros

documentos próprios e os equipamentos que ele utilizava. Na época, a Prefeitura Municipal de Lajeado e outras entidades não se interessaram pelo acervo (Peixoto, 2009). Por esta razão, um grupo de pessoas, sensibilizadas pelo valor histórico do acervo de Sebaldo, acondicionaram o acervo em suas casas e hoje são guardiões dessa memória, responsáveis por democratizar o acesso às imagens à comunidade. As fotografias de Sebaldo são publicadas no Facebook e no Instagram do projeto.

Sendo assim, esta pesquisa é relevante por várias razões. Em primeiro lugar, ela permite que a comunidade conheça a história do fotógrafo e o papel social que ele desempenhou. Esta pesquisa pode ajudar a sensibilizar a população local para a importância do papel do fotógrafo na preservação da memória histórica da cidade. Ou seja, analisar suas fotografias de forma séria e científica pode mudar essa percepção e contribuir para a valorização do fotógrafo.

Além disso, a pesquisa sobre Sebaldo tem uma relevância acadêmica, sendo uma importante fonte para historiadores e também para acadêmicos e estudiosos da fotografia e da área da comunicação. A investigação da vida e da obra deste fotógrafo pode fornecer informações valiosas sobre os processos criativos e técnicos utilizados por ele ao longo de sua carreira, como também sobre a história social da cidade de Lajeado.

Além disso, esta pesquisa acadêmica sobre Sebaldo será inédita pois não foi encontrada, até o momento, nenhuma outra pesquisa feita sobre o fotógrafo. No Arquivo Histórico Municipal de Lajeado, espaço público responsável pela guarda permanente e preservação da história da cidade, também não foi localizado nenhum documento e registro sobre Sebaldo, com exceção das notícias e reportagens jornalísticas encontradas no acervo do jornal O Informativo do Vale, que está acondicionado no Acervo Municipal. Sendo assim, foram encontrados materiais sobre ele apenas em blogs, em reportagens de jornal e em seu acervo pessoal.

Este trabalho também possui uma motivação pessoal. A autora desta pesquisa é filha de um dos guardiões da memória de Sebaldo. Essa monografia é uma forma de contribuir com o trabalho que já está em andamento pela família, bem como homenagear o pai, responsável por financiar os estudos da autora e que se dedica voluntariamente para valorizar o trabalho de Sebaldo. Além disso, a autora é fotógrafa e esse estudo está relacionado à especialização que a autora busca seguir em sua carreira: o fotojornalismo. Desta forma, a pesquisa contribuirá para o aprimoramento

profissional da autora e também é uma forma de valorizar e resgatar a história de sua cidade natal, Lajeado, entre outras motivações pessoais que permeiam esse trabalho.

Por fim, com esta pesquisa, busca-se restaurar a reputação de Sebaldo como fotógrafo e pessoa, resgatar a importância da obra de Sebaldo, da história da cidade, compreender o valor de suas imagens, bem como pretende-se contribuir com o conhecimento das análises iconográficas e interpretação iconológica.

1.4 Objetivo geral

Compreender o valor das imagens fotográficas de José Sebaldo Hammes para a documentação da história social da cidade de Lajeado, RS.

1.5 Objetivos específicos

- a) Descrever José Sebaldo Hammes e sua relação com a fotografia;
- b) Compreender a relação entre fotografia, documento histórico e memória;
- c) Explicar a metodologia de análise iconográfica e de interpretativa iconológica;
- d) Analisar fotografias selecionadas de Sebaldo de acordo com a análise iconográfica e interpretativa iconológica.
- e) Descrever o valor das fotografias de José Sebaldo Hammes para a história social de Lajeado, RS.

1.6 Método de pesquisa

Esta pesquisa é do tipo qualitativa. De acordo com Gerhardt e Silveira (2009, p. 31) “A pesquisa qualitativa não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc.”

Já a metodologia deste projeto de pesquisa foi dividida em seis etapas.

A primeira etapa foi a pesquisa documental em materiais e documentos do acervo pessoal de Sebaldo para entender quem foi o fotógrafo, e também uma pesquisa em outras fontes como blogs e reportagens de jornais. Esses materiais também foram importantes para compreender o contexto histórico e social em que Sebaldo viveu e trabalhou.

Diferente da pesquisa bibliográfica, a pesquisa documental recorre a fontes menos tradicionais. Fonseca (2002 apud Gerhardt; Silveira, 2009) explica que este tipo de pesquisa se utiliza de fontes mais diferentes, como tabelas, jornais, relatórios, filmes, pinturas etc.

A segunda etapa consistiu em uma pesquisa bibliográfica para entender os conceitos de análise iconográfica e interpretação iconológica. A partir dessa leitura, foi possível compreender os conceitos básicos que envolvem a análise de imagens fotográficas, e como aplicá-los ao trabalho com as fotografias de Sebaldo. De acordo com Chemin (2022), a pesquisa bibliográfica baseia-se em fontes constituídas por contribuições previamente publicadas sobre o tema em estudo, tais como trabalhos acadêmicos, além de outras fontes como anais, textos eletrônicos, publicações avulsas, livros, revistas, boletins, jornais, materiais cartográficos e conteúdos provenientes de mídias como rádio, cinema e televisão.

A terceira etapa da metodologia foi outra pesquisa bibliográfica, desta vez para entender a relação entre fotografia, documento e memória. Foram estudados livros e os principais trabalhos acadêmicos que relacionam essas áreas e que serviram como base para a análise das fotografias de Sebaldo.

Na quarta etapa, foram selecionadas cinco imagens do fotógrafo Sebaldo, publicadas na página de Facebook dedicada a ele. Para essa seleção, a autora observou todas as publicações no Facebook, escolhendo por aquelas em que as pessoas haviam sido identificadas nos comentários e ainda estavam vivas. Posteriormente, as imagens foram categorizadas de acordo com temas relacionados à educação, festas, eventos regionais, concursos e religião. Assim, foi escolhida uma foto para cada uma dessas categorias, uma vez que elas abrangem a maioria das fotografias registradas por Sebaldo ao longo de sua vida. A seleção final das cinco imagens foi baseada em critérios que incluíram a identificação das pessoas, relevância histórica, interesse coletivo, qualidade técnica e potencial para análise iconográfica e iconológica.

A quinta etapa foi a entrevista em profundidade de categoria semi-aberta com pessoas da comunidade que foram identificadas nas imagens. Essas entrevistas foram realizadas para complementar as informações obtidas até então. De acordo com Jorge Duarte e Antônio Barros (2015), entrevista em profundidade:

(...) é um recurso metodológico que busca, com base em teorias e pressupostos definidos pelo investigador, recolher respostas a partir da experiência subjetiva de uma fonte, selecionada por deter informações que se deseja conhecer (Duarte; Barros, 2015, p. 62).

Segundo os autores, entrevistas em profundidade da tipologia semi-aberta é um modelo de entrevista que mescla a flexibilidade com um roteiro, permitindo assim que o pesquisador possa aprofundar as respostas em novas perguntas mais detalhadas.

Além das entrevistas com pessoas que aparecem nas fotos, também foram buscadas mais informações em publicações de jornais para completar e confirmar os dados.

Ao final dessas etapas, foram realizadas as análises iconográfica e iconológica das cinco imagens selecionadas, levando em conta os conceitos e teorias estudados na pesquisa bibliográfica. O objetivo desta análise era resgatar informações presentes nas fotografias de Sebaldo e a contribuição que elas trazem para a compreensão do valor das fotografias para a documentação da história social de Lajeado.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Os objetivos dos próximos capítulos consistem em aprofundar o entendimento sobre a vida de José Sebald Hammes, além de proporcionar um breve contexto da cidade em que ele desempenhou um papel significativo, Lajeado, RS. Além disso, será abordada a relação entre fotografia, documento e memória. Por fim, serão explorados os conceitos de análise iconográfica e interpretação iconológica desde suas origens até chegar na metodologia proposta por Boris Kossoy. Entre os principais autores que dão embasamento à esta pesquisa estão: Dubois (1993), Gasparotto (2011), Kossoy (2014 e 2016), Lacerda (2002), Oliveira (2018), Panofsky (2007), Peixoto (2009 e 2011), Rouillé (2009), Sontag (2004), e Unfried (2014).

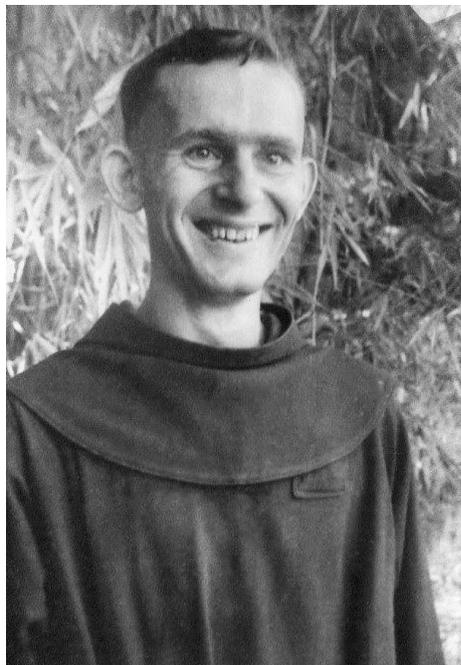
2.1 José Sebald Hammes

A pesquisa sobre a figura de José Sebald Hammes revelou uma lacuna nas informações sobre o fotógrafo. Embora Hammes seja reconhecido como um personagem folclórico e um dos principais nomes da fotografia na cidade de Lajeado, a quantidade de materiais disponíveis sobre sua vida e obra é limitada. Na ausência de materiais concretos, a história de Sebald será construída com base em entrevistas concedidas por ele para jornalistas, em textos de blogs, reportagens jornalísticas, bem como com base nos seus documentos pessoais, como sua certidão de nascimento, encontrados em seu acervo. Não foi encontrado, em seu acervo, nenhum documento escrito por ele que conte sua própria história.

José Sebald Hammes nasceu em 04 de setembro de 1928, às dez horas, na localidade de Arroio do Meio, então pertencente a Lajeado, RS. Seus pais são Pedro Izidor Hammes e Anna Hammes, sendo ele neto por parte paterna de Felipe Hammes e Anna Hammes, e por parte materna de Jacob Spaniol e Elisabetha Spaniol (ANEXO A). José Sebald Hammes ficou conhecido como Sebald. Ele mesmo adicionou um "o" extra em seu segundo nome, passando a se chamar Sebald em vez de Sebald (Sebald apud Peixoto, 2009).

Segundo Sebald (apud Peixoto, 2009), sua mãe faleceu tragicamente em um acidente envolvendo uma carroça quando ele tinha apenas quatro anos de idade. Seu pai, por sua vez, exercia a profissão de veterinário prático. O fotógrafo estudou até o quinto ano e, posteriormente, passou a trabalhar na agricultura com sua família. Inspirado por seus familiares, especialmente por sua mãe, desejava seguir na vida religiosa. Aos dezesseis anos, com o objetivo de tornar-se padre, ingressou no seminário em Taquari. Mais tarde, aos 23 anos, mudou-se para o Seminário Daltro Filho, onde realizou o noviciado e estudou Filosofia. Em seguida, residiu em Divinópolis e depois em Muzambinho, em Minas Gerais, onde permaneceu por mais dois anos no Juvenato Franciscano. Durante o tempo em que esteve em Minas Gerais, adquiriu conhecimentos autodidatas em fotografia e revelação, além de ter estudado latim e grego.

Figura 1 - José Sebald Hammes na época que era seminarista



Fonte: Autor desconhecido (1944-1968).

Embora Sebaldo tenha dedicado grande parte de sua vida à religião, ele não se tornou padre devido a sua atração em relação ao sexo feminino, o que o levou a desistir dessa vocação (Sebaldo apud Peixoto, 2009).

Após a passagem por Minas Gerais, também teve uma breve estadia pela cidade de Três Passos e em Santos, SP, onde aplicou seus conhecimentos e técnicas fotográficas, comercializando as fotos reveladas na praça. Caso ele tivesse permanecido em Santos, provavelmente teria obtido sucesso financeiro devido à alta demanda de venda de suas fotografias. No entanto, ele acabou decidindo retornar para o Sul (Sebaldo apud Peixoto, 2009).

Retornou ao Estado do Rio Grande do Sul quando tinha cerca de 40 anos. A intenção era rever a família e acabou permanecendo. A única coisa que trouxe consigo foi sua máquina fotográfica, que havia ganhado de um amigo em Minas Gerais (Sebaldo apud Lacerda, 2002). O fotógrafo revelou que:

Adorava tirar fotos, aliás tenho muitas da época de seminarista, pensei então em tirar fotografias, afinal, dava mais lucro que ser professor e precisava ganhar dinheiro para ajudar em casa. Foi como unir o útil ao agradável. Hoje sou realizado com meu trabalho (Sebaldo apud Lacerda, 2002).

Após sua volta, estimada em 1966, Sebaldo estabeleceu-se em Estrela e, por fim, em Lajeado, onde estabeleceu sua moradia e inaugurou seu estúdio fotográfico, dando início à sua carreira como profissional na área da fotografia (Sebaldo apud Peixoto, 2011). Em 1966, Sebaldo (apud Lacerda 2002) se denominava como um "fotógrafo ambulante".

Na época, Sebaldo era um dos primeiros fotógrafos da cidade de Lajeado, sendo responsável por registrar eventos sociais, sendo eles públicos ou privados (Togni, 2021).

Figura 2 - José Sebaldo Hammes fotografado durante uma cobertura fotográfica



Fonte: Autor desconhecido (s.d).

O fotógrafo marcou presença em bailes de debutantes, carnavais de rua, desfiles escolares, e principalmente na igreja, fotografando batizados e casamentos, bailes de interior, eventos que aconteciam em Lajeado e na região do Vale do Taquari. Para Sebaldo:

A foto é social. É tudo que acontece no momento na sociedade. Eu estive presente nos carnavais, nos momentos políticos... Eu tenho uma foto do governador Ildo Meneghetti`. [...] O fotógrafo é como um psicólogo. Quando eu olho no visor eu enxergo as reações de quem está na minha frente e preciso capturar o momento certo. Eu ficava realizado quando alguém buscava a foto e me dizia “Esse sou realmente eu (Sebaldo apud Peixoto, 2011).

Figura 3 - José Sebaldo Hammes no dia que concedeu entrevista para a jornalista Carolina Gasparotto



Fonte: Frederico Sehn (2011) - reprodução do Jornal O Informativo - Edição 9.698 de 2 de dezembro de 2011.

Apesar de Sebaldo ter fotografado uma variedade de eventos, ele possuía um apreço especial pela captura espontânea das pessoas. O fotógrafo mencionou que:

Estou sempre interessado em captar uma foto que espelha a pessoa, que conte como é a sua alma, ou seja, revelar o rosto de cristo em cada um. Também não gosto de fazer fotos posadas. Prefiro distrair a pessoa e fotografá-la quando estiver desprevenida, no momento certo. Também adoro as crianças, pois além de muito fotogênicas, elas são puras e trazem consigo a essência do ser humano (Sebaldo apud Lacerda, 2002).

Após capturar e revelar as fotografias, Sebaldo aguardava ansiosamente pelos clientes, os quais dificilmente compareciam para adquirir as cópias, ou então ele mesmo ia ao encontro deles para vender (Sebaldo apud Peixoto, 2011). Desta forma, foi se formando um acervo gigante de fotografias impressas e em negativo em seu estúdio (Darde, 2023).

Sua rotina como fotógrafo era desordenada. Segundo Sebaldo (apud Lacerda, 2002), ele não podia ter horários fixos para suas atividades, o que incluía a necessidade de se alimentar adequadamente. No início de sua jornada profissional, ocorriam situações em que as demandas do seu trabalho o levavam a receber chamadas em sua residência durante o horário da meia-noite, forçando-o a sair com pressa. No entanto, ao longo do tempo, Sebaldo adaptou seu método de atendimento, passando a realizar agendamentos com os clientes. No entanto, ocasionalmente, esses horários agendados não eram totalmente respeitados.

Acredita-se que Sebaldo era frequentemente contratado para capturar fotografias em ocasiões específicas. No entanto, na maioria das vezes, era ele quem perseguia os momentos, sem ser convocado ou contratado previamente (Darde, 2023, entrevista oral). E para se deslocar para os locais dos eventos, utilizava uma bicicleta. Por conta disso, sofreu várias quedas e teve ferimentos frequentes.

Figura 4 - Autorretrato de Sebaldo exibindo seus ferimentos para a câmera



Fonte: José Sebaldo Hammes (s.d).

Além do trabalho com a fotografia, ao longo de várias décadas, dedicou-se voluntariamente na Igreja Matriz de Santo Inácio, desempenhando diversas atividades como a distribuição de livros, participação no coro, leitura de intenções de missas e textos litúrgicos. Em certas ocasiões, manifestava o desejo de ser ordenado devido à sua extensa bagagem de leituras e inteligência, características que nem todos reconheciam plenamente (Schierholt, 2016, apud Lajeado, 2016).

Além disso, também trabalhou com outros projetos. Um deles era chamado de Suco da Vida, aloe vera, e Iridologia. Nesse contexto, ele atuou fazendo fotos para manuais escolares (Sebaldo apud Lacerda, 2002). Suponha-se também, visto que foi encontrado um caderno em seu acervo, que Sebaldo também tenha trabalhado para o clube Lajeadense, fazendo a venda de cadeiras para os jogos do time, bem como o controle do caixa.

Embora ele tenha tido várias fontes de renda, presume-se que o fotógrafo enfrentou problemas financeiros e episódios de constrangimento. Por exemplo, suas fotografias eram frequentemente alvo de roubo e se deparava com pessoas que se recusaram a pagá-lo por seu trabalho (Sebaldo apud Peixoto, 2011).

Ele também revelou ter enfrentado uma acusação de desvio de dinheiro de uma paróquia enquanto estava encarregado de arrecadar fundos para a construção de arquibancadas na igreja. Apesar de ter negado as acusações, Sebaldo foi coagido a assinar um documento admitindo a suposta apropriação indevida (Sebaldo apud Peixoto, 2011).

Após fotografar por quase quatro décadas, Sebaldo parou de fotografar no ano de 2002, quando enviou sua câmera para conserto em Porto Alegre e não teve mais seu equipamento devolvido (Sebaldo apud Peixoto, 2009).

E, por motivos financeiros, Sebaldo não investiu em novos equipamentos. Quando questionado sobre o que achava das câmeras digitais, respondeu que "Acho fantástico, embora nunca tenha trabalhado com uma. É um processo muito mais rápido, você vê a foto na hora e se não gostar bate outra. (...) O custo da tecnologia é muito alto, por isso nunca adquiri uma câmera digital" (Sebaldo apud Lacerda, 2002).

Em entrevista, Sebaldo expressou o desejo de contar com um espaço adequado para organizar suas fotografias e, quem sabe, ter um museu, já que "muitas pessoas dizem que eu tenho a história de Lajeado arquivada, eu não posso pôr tudo isso fora. Quero um lugar para poder organizar melhor as fotos e quem sabe fazer um museu" (Sebaldo apud Lacerda, 2002).

Após enfrentar dificuldades, Sebaldo conseguiu se aposentar, uma vez que não possuía recursos para contribuir com o sistema previdenciário (Schierholt apud Lajeado, 2016).

O fotógrafo sempre manteve uma vida solitária. Não tinha cônjuge e nem descendentes. Mas nos seus últimos anos de vida, ele viveu em relativo anonimato, isolado em seu apartamento localizado no centro de Lajeado, passando por dificuldades (Gasparotto, 2014).

Segundo Gasparotto (2014), ele muitas vezes não tinha comida suficiente e vivia na esperança de receber ajuda alimentar. O apartamento onde morava apresentava características como baixa luminosidade, odor desagradável e estava repleto de caixas e objetivos, que dificultavam a circulação de duas pessoas simultaneamente.

Figura 5 - Última entrevista de José Sebaldo Hammes realizada pela jornalista Carolina Gasparotto na residência do fotógrafo, em 2011



Fonte: Frederico Sehn (2011).

A condição de vida de Sebaldo pode ser atribuída à síndrome que ele possuía, de Diógenes, um distúrbio caracterizado pela incapacidade de cuidar de si mesmo, falta de higiene, isolamento social, acumulação excessiva de objetos sem utilidade e resistência à assistência ou ajuda externa (Gasparotto, 2014).

O fotógrafo enfrentou vários desafios, incluindo escassez alimentar, como revelou em Gasparotto (2011):

Muitas vezes não tenho nem o que comer, como hoje, que saí de casa de barriga vazia na esperança de encontrar um prato de comida. [...] Já quebrei

alguns dentes, machuquei minha testa e tirei alguns ossos do lugar, mas mesmo assim levo a vida com alegria.

Quando questionado sobre como se definia, Sebaldo respondeu que:

Sou uma pessoa abençoada por ser um filho de Deus. Sou extremamente sensível, por isso choro com facilidade diante das coisas mais simples. Detesto injustiças. Tenho também uma paciência ilimitada, sou sereno e tolerante, e olha que muitas vezes engulo cada sapo, mas nada me tira do sério. Embora tenha largado o seminário, minha missão ainda é levar a palavra de Deus, por isso tento me aproximar das pessoas para fazer o bem. Me defino como um missionário do Senhor (Sebaldo apud Lacerda, 2002).

Um ano antes de falecer, já com problemas de saúde, Sebaldo foi morar com seu irmão Guido Mathias e com a sobrinha Leonízia Maria Hammes. O fotógrafo faleceu com 85 anos de idade no dia 29/01/2014 no Hospital São José de Arroio do Meio devido a um acidente vascular cerebral. Ele foi sepultado na Igreja Católica São Filipe e Tiago, na localidade de Arroio Grande, no município de Arroio do Meio-RS (Gasparotto, 2014).

O jornalista Deolí Gräff escreveu, após o falecimento de Sebaldo, que "Ele foi um missionário da fotografia. Era apegado aos valores morais, espirituais e completamente despojado dos bens materiais. Nunca ganhou um prêmio, um título. Mas ganhou o reconhecimento por sua vida digna e íntegra" (Gräff, 2014).

Após seu falecimento, a família se viu diante de uma encruzilhada em relação à gestão de um considerável acervo fotográfico, despertando o desejo de encontrar um destinatário que pudesse conferir o devido valor ao trabalho do referido fotógrafo. Além disso, desejavam que as imagens fossem usadas em exposições (Gasparotto, 2014).

Na época, suponha-se que entidades públicas e privadas, como a Prefeitura de Lajeado e a Universidade do Vale do Taquari - Univates, não se interessaram em guardar o material (Peixoto, 2009). Por este motivo, motivado pelo valor histórico do acervo fotográfico de Sebaldo, um grupo de pessoas se sensibilizou e decidiu assumir a responsabilidade de armazená-lo em suas próprias casas. São eles: Luiz Darde, Laura Peixoto, Carolina Leipnitz, Fabrício Dresch e Fábio Gonçalves (Martini, 2020). Segundo Darde (2023, entrevista oral), o artista Alessandro Cenci também esteve envolvido na causa. Como resultado, surgiu o Projeto Cultural Sebaldo, uma iniciativa sem fins lucrativos. Atualmente, no ano de 2023, participam do projeto ativamente

apenas Luiz Darde e Fábio Gonçalves (Darde, 2023, entrevista oral). Nesse projeto, de acordo com Darde (2023), as fotografias de Sebaldo são restauradas e compartilhadas publicamente por meio das redes sociais do projeto.

A página "Sebaldo 1928" conquistou uma base de seguidores significativa, contando atualmente com 1,6 mil seguidores no Facebook. Esses seguidores se engajam ativamente com as publicações, demonstrando seu interesse por meio de comentários, reações e compartilhamentos. Essa interação fortalece a propagação e a preservação do legado fotográfico de Sebaldo, permitindo que um público amplo e diversificado tenha acesso e aprecie suas imagens históricas.

Ao analisar as publicações no Facebook, pode-se encontrar comentários como: "Uma lenda da história de Lajeado", "Sebaldo é história pura de Lajeado", "Figura lendária na cidade!", "O Sebaldo foi um gênio, pessoa muito culta", "Sebaldo foi um artista que ajudou a registrar a história de Lajeado, no entanto em vida não foi reconhecido" e "Muitos momentos foram marcados por este ilustre fotógrafo. Hoje em dia, com as tecnologias existentes, surgem muitos profissionais da fotografia, mas nenhum é comparável a ele", mostram que seu trabalho atualmente tem sido valorizado e que ele desempenhou um papel significativo na comunidade.

Neste sentido, Gasparotto (2011) escreveu que as fotos dele guardam momentos especiais da vida de muitas famílias da cidade. Elas mostram pessoas que já se foram, mas que por um instante fizeram parte da história do primeiro fotógrafo de Lajeado.

Como forma de homenagem, um belvedere foi dedicado a José Sebaldo Hammes. Localizado no entroncamento das Ruas Júlio de Castilhos e Oswaldo Aranha, no bairro Centro de Lajeado, o espaço foi oficialmente denominado de "Belvedere José Sebaldo Hammes", conforme estabelecido no Projeto de Lei CM Nº 100-04/2016. Essa iniciativa reconhece e perpetua o legado de Sebaldo, honrando sua contribuição para a comunidade e para a história da região (Lajeado, 2016).

Os projetos futuros do fotógrafo envolviam escrever dois livros, um sobre filosofia e outro sobre teologia. Seu objetivo era que "as pessoas vivessem a mensagem de Deus e melhorar a experiência das pessoas na terra" (Sebaldo apud Lacerda, 2002).

Sebaldo partiu antes de concluir seus projetos.

Figura 6 - Autorretrato de José Sebald Hammes



Fonte: José Sebald Hammes (s.d).

2.2 Características de Sebald

Ao observar a história de Sebald é possível identificar aspectos importantes que nos ajudam a compreender sua personalidade para além dos dados biográficos óbvios, como nome, local de nascimento e família.

Uma das características que surgem a partir das entrevistas é a humilhação e as dificuldades que Sebald sofreu em vários momentos da sua vida, como a perda trágica de sua mãe, do roubo de sua câmera e de suas imagens, e da condição em que viveu nos seus últimos anos de vida.

Outro destaque das entrevistas é sobre a cidade de Santos. Sebald comentou que nesta cidade, ele vendia mais fotografias, conseqüentemente, foi mais valorizado. Essa questão levanta a possibilidade de que, se ele tivesse permanecido em Santos, poderia ter seguido outro rumo em sua carreira.

Além disso, Sebald demonstrou um forte interesse em aprender, o que o levou a estudar fotografia e revelação por conta própria, e a ensinar. Isso também se manifestou no seu projeto pessoal de escrever livros.

Outro ponto a ser considerado é que Sebald voltou a Lajeado perto dos seus 40 anos, após ter passado grande parte de sua vida morando em outros estados do

Brasil. E curiosamente, foi durante sua estadia em Minas Gerais que ele desenvolveu suas habilidades fotográficas. Fica a incógnita sobre o que poderia ter ocorrido se ele não tivesse vivenciado essa experiência. Será que teria aprendido a fotografar?

Além disso, também vale destacar a personalidade de Sebaldo, que se apresentava como um ser sensível, paciente e de uma profunda fé. Também descrevia a si mesmo como uma pessoa alegre e tolerante, mesmo diante de tantas dificuldades, que incluíam a falta de recursos básicos, como comida. É possível supor que essas características o levavam a preferir registrar momentos espontâneos das pessoas.

Figura 7 - José Sebaldo Hammes aparece no reflexo da fotografia



Fonte: José Sebaldo Hammes (s.d).

A autora também considera importante notar que quando perguntado sobre como gostaria de ser lembrado, Sebaldo afirmou que “se sentia fotógrafo”. Isso sugere que, mesmo com sua experiência religiosa, ele optou pela fotografia como sua principal identidade profissional.

Embora ele tenha tido identificação como fotógrafo, mesmo após desistir de se tornar padre, permaneceu comprometido com sua missão de difundir a palavra de Deus. Ele se considerava um verdadeiro missionário do Senhor, e tinha como objetivo de vida melhorar a experiência das pessoas na terra.

Outro aspecto importante a ser considerado é que Sebaldo não aderiu às novas tecnologias, como as câmeras digitais, por exemplo, principalmente por razões financeiras. Entre alguns modelos de câmera fotográficas utilizadas pelo fotógrafo encontradas no seu acervo estão Olympus Trip, Singlex e Pentax K1000. E mesmo

não tendo recuperado sua câmera analógica, ele não buscou adquirir um novo equipamento.

Além disso, percebe-se que Sebaldo era quem realizava todo o processo fotográfico, desde a captura da imagem até a revelação em preto e branco. Suponha-se que logo após registrar algum evento, ele revelava as fotos em negativo e, em seguida, aguardava pelos clientes ou ia até o encontro deles. Ou seja, ele revelava as imagens antes mesmo de ter a certeza de que seriam vendidas. Acredita-se também que Sebaldo, na maioria das vezes, escolhia registrar momentos por iniciativa própria, enquanto em outros casos, especialmente em fotos de estúdio, ele era contratado pelas pessoas.

No acervo de Sebaldo, a grande maioria das fotografias retratam eventos sociais, tais como bailes do interior e carnavais, revelando pessoas em momentos espontâneos, como dançando, por exemplo, durante um baile. Como resultado, acredita-se que imagens desse tipo eram mais difíceis de serem comercializadas. Michel de Oliveira (2018), em sua obra, refere-se a essas imagens como "imagens para esquecer".

(...) Outra situação que motiva o ocultamento ou destruição de uma fotografia é quando a pessoa retratada não deseja ser lembrada de determinada maneira, seja por não se identificar com o que foi registrado ou por ter mudado a ponto de não mais se reconhecer daquela forma. Isso se tornou ainda mais recorrente com a popularização da tecnologia digital. Imagens feias, sob a ótica do fotografado, são sumariamente deletadas. Essas fotografias apagadas se configuram como imagens para esquecer. Elas seguem a mesma lógica das "fotos proibidas", aquelas escondidas atrás dos outros retratos do álbum (Oliveira, 2018, p. 47).

Ou seja, pode ser que as pessoas não demonstravam interesse em guardar registros de momentos que frequentemente envolviam consumo de bebidas, cigarros e danças com parceiros que possivelmente não eram seus cônjuges atuais.

2.3 Filtro Cultural

A partir das observações feitas pela autora a partir da história de vida do personagem deste estudo, acredita-se que todas essas características e vivências de Sebaldo podem ter sido refletidas em suas fotografias e contribuído para a formação do filtro cultural do fotógrafo.

Para Kossoy (2014, p. 46), filtro cultural é:

A eleição de um aspecto determinado - isto é, selecionado do real, com seu respectivo tratamento estético - a preocupação na organização visual dos detalhes que compõem o assunto, bem como a exploração dos recursos oferecidos pela tecnologia: todos são fatores que influirão decisivamente no resultado final e configuram a atuação do fotógrafo enquanto filtro cultural. O registro visual documenta, por outro lado, a própria atitude do fotógrafo diante da realidade; seu estado de espírito e sua ideologia acabam transparecendo em suas imagens, particularmente naquelas que realiza para si mesmo enquanto forma de expressão pessoal.

Para Sontag (2004, p. 54), "o fotógrafo é um superturismo, uma extensão do antropólogo, que visita os nativos e traz de volta consigo informações sobre o comportamento exótico e os acessórios estranhos dele. O fotógrafo sempre tenta colonizar experiências novas ou descobrir maneiras novas de olhar para temas conhecidos - lutar contra o tédio". Ou seja, a autora sugere que o fotógrafo é alguém que conhece e se evolve em diferentes culturas, e por consequência, absorve uma vasta quantidade de informações. Portanto, é possível afirmar que a cada cobertura fotográfica e experiência de vida, a bagagem cultural do fotógrafo Sebaldo ia enriquecendo.

Ainda, sobre filtro cultural do fotógrafo, Lohmann e Barros (2016, p. 150) destacam que, "o que o fotógrafo é, pensa e sente refletem na sua obra: sua visão política, sua fé, assim como o que vê como sendo relevante se mostram através de suas escolhas." As pesquisadoras explicam que isso determina inclusive a escolha de enquadramento, o que será e o que não será fotografado pelo autor, e afirmam que "todas as decisões tomadas para a captura de uma fotografia, todas, são uma afirmação de um ponto de vista, são escolhas".

Sobre escolhas de enquadramento, Machado (1984 apud Lohmann; Barros, 2018) reitera que toda a fotografia é um recorte, sendo que o fotógrafo é responsável pela seleção do que será ou não fotografado. Ou seja, é feita uma seleção. Aquilo que não o interessa, é descartado.

Para Kossoy (2014, p. 55), há fotógrafos que tendem a capturar a realidade imediata que presenciam, enquanto outros vão além do óbvio, registrando detalhes como gestos e olhares, e procuram harmonizar essas informações em suas composições.

Santaella (2015, p. 300), afirma que a fotografia, assim como o vídeo e o cinema, é sempre resultado de uma "colisão ótica", conforme Couchot expressava. Para a autora, por trás do visor de uma câmera está um indivíduo que manipula essa

prótese ótica, utilizando mais com os olhos do que com as mãos. A autora complementa que “o que o sujeito busca, antes de tudo, é dominar o objeto, o real, sob a visão focalizada de seu olhar, um real que lhe faz resistência ao obstáculo”.

Até o momento, nos capítulos anteriores, conhecemos a trajetória de vida de Sebaldo e como suas experiências pessoais poderiam ter contribuído para moldar seu filtro cultural. Segundo os autores, as ideologias, a fé e a personalidade do fotógrafo refletem em suas fotografias de maneira significativa. É importante observar esse aspecto, pois isso pode explicar o que Sebaldo escolheu incluir em seus enquadramentos e o que ele decidiu deixar de fora. Suponha-se que suas fotografias são ricas em detalhes e subjetividade. No próximo tópico, será apresentada uma breve contextualização sobre a cidade de Lajeado, local onde Sebaldo atuou como fotógrafo por cerca de quatro décadas.

3 LAJEADO, RS

Entende-se, por meio do senso comum, que Sebaldo desempenhou um papel fundamental na documentação da história social da cidade de Lajeado, RS, uma vez que ele fotografou inúmeros eventos, sendo eles públicos ou privados. Ele registrou desfiles escolares, de entidades, bailes de debutantes, carnavais de rua, políticos, além de capturar a estrutura e arquitetura da cidade, bem como retratos de pessoas, casamentos, batizados e uma variedade de outras coberturas fotográficas. O fotógrafo se tornou uma figura conhecida na cidade, sendo lembrado por pessoas de diferentes gerações. Há sempre alguém que guarda alguma memória dele.

Sebaldo não foi o fotógrafo pioneiro da cidade. Além dele, existiam outros. Porém, ficou reconhecido por estar sempre presente nos eventos, além de suas fotos serem consideradas diferentes, com uma singularidade e sensibilidade única. Ele se tornou um personagem folclórico na cidade, conforme mencionado por Delavald (1990).

Neste capítulo, será feita uma breve contextualização da cidade de Lajeado, onde Sebaldo morou e atuou entre os anos de 1966 e 2013. O objetivo é compreender como o fotógrafo possa ter contribuído para história da cidade e das pessoas.

De acordo com a Prefeitura de Lajeado (2023, texto digital), o território onde se localiza o município atual de Lajeado foi originalmente habitado por aborígenes, que eram os primeiros e legítimos proprietários. Mas o processo de colonização teve início em Taquari, em 1757, quando 27 casais açorianos se estabeleceram em Santo Amaro. Anos mais tarde, 14 casais açorianos fixaram residência em Taquari. Em 1800, os irmãos João e José Inácio Teixeira receberam terras nas regiões primitivas

de Estrela e Lajeado, incluindo as fazendas de Carneiros ou Lajeado. Essas terras deram origem a diversas fazendas, que posteriormente foram subdivididas e vendidas a imigrantes alemães e italianos que vieram se estabelecer na região. Inicialmente, a área era conhecida como Fazenda dos Conventos. Em 1853, o agrimensor alemão Carl Ernst Mützel, também conhecido como "Brummer", realizou a medição das terras dos Conventos adquiridas pela Companhia Batista Fialho e dividiu a fazenda em lotes para venda aos colonos alemães e seus descendentes. Os primeiros colonos se estabeleceram em Lajeado a partir de 1854. Em 20 de março de 1855, Antônio Fialho de Vargas fundou a Colônia dos Conventos. Em 1862, ele deu início ao povoamento de Lajeado com a construção do Engenho. Em 1875, Lajeado foi elevada à categoria de sede distrital e, em 1881, tornou-se uma freguesia. No ano de 1891, se separou do município de Estrela, e em 26 de janeiro deste mesmo ano, foi criado o município de Lajeado.

De acordo com a Prefeitura de Lajeado (2023), a cultura alemã é muito presente no município, desde a arquitetura até o comportamento das pessoas. E em relação às tradições e hábitos, a população rural mantém atividades distintas em seus centros de convívio social, como salões, paróquias e sociedades. Há grupos de danças do folclore alemão, corais, clubes de bolão e bolão de mesa, bandas típicas, clubes de futebol, clubes de mães, Centros de Tradições Gaúchas (CTGs), bocha, entre outras atividades.

Ao longo dos anos em que Sebaldo atuou, os eventos sociais desempenharam um papel significativo na área central de Lajeado. Na época, esses eventos eram uma oportunidade para a comunidade se reunir, socializar e se divertir. Eles representavam uma parte significativa da vida social da cidade. Alguns desses eventos continuam a ser realizados até os dias de hoje, como o baile de debutantes do Clube Tiro e Caça, que completou 57 anos em 2022. No entanto, outros eventos, como os carnavais de rua, desfiles cívicos e desfiles e concursos de entidades, já não fazem mais parte do contexto social da cidade, já que a sociedade evoluiu e novos hábitos, culturas e opções de lazer surgiram.

Com base nos dados mais recentes do Censo 2022, divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o município de Lajeado possui 93.646 habitantes. Além disso, de acordo com os dados de 2022, o município possui uma área territorial de 91.231 km². Diferente da década de 1970, quando Sebaldo começou

sua atuação como fotógrafo e era considerado um dos pioneiros na cidade, o cenário da fotografia e da própria cidade passou por uma evolução.

De acordo com dados da Secretaria de Desenvolvimento Econômico, Turismo e Agricultura (SEDETAG) (Lajeado, 2023), existiam, até junho de 2023, 91 profissionais da área de fotografia registrados no município.

E hoje, com os avanços tecnológicos, qualquer pessoa pode capturar um momento com uma câmera fotográfica ou até mesmo com um celular, sem necessariamente ser considerado um profissional da fotografia. E isso já percebemos quando encontramos na internet fotografias de diferentes ângulos de um mesmo acontecimento.

E é neste contexto que o trabalho de Sebaldo se diferencia. Ele estava sempre em movimento, fotografando. Essas fotografias capturam uma época passada de Lajeado, uma cidade que evoluiu consideravelmente ao longo do tempo. Ou seja, uma Lajeado que provavelmente não existe mais. Seus registros podem fornecer um testemunho de como a cidade era, como se desenvolveu ao longo dos anos, bem como mostra as pessoas, costumes e hábitos da época, ou seja, os aspectos sociais, culturais e históricos. Por isso acredita-se que as fotografias dele possam ser uma fonte de pesquisa e documentação para interessados em compreender a história e a evolução de Lajeado. Também podem ser valiosas para as futuras gerações, que quiserem conhecer a história da cidade.

Também é importante destacar que o trabalho de Sebaldo não se limitava apenas a essa cidade. Além de Lajeado, foram encontradas imagens em seus acervos que foram fotografadas em cidades vizinhas, como Santa Clara do Sul, Estrela, entre outras. No entanto, a autora deste trabalho optou por analisar fotografias de Sebaldo especificamente desta cidade, em razão dos motivos já citados na justificativa desta pesquisa.

4 FOTOGRAFIA COMO DOCUMENTO E MEMÓRIA

Para iniciarmos a discussão sobre fotografia, vale recordar um pouco uma retrospectiva histórica do realismo da fotografia ao longo dos anos. Dubois (1993), articulou essa evolução em três tempos: fotografia como espelho do real, transformação do real e um traço do real.

No primeiro tempo, de espelho do real, a fotografia era considerada a "imitação mais perfeita da realidade" (Dubois, 1993, p. 27). Essa capacidade de reproduzir o real resulta do processo fotográfico mecânico, que não tinha interferência humana. Logo, isso se opôs à obra de arte, que era um trabalho manual e de caráter interpretativo e subjetivo de um artista. Conforme Dubois (1993), pessoas como Baudelaire defendiam que o uso da fotografia poderia se limitar apenas para servir como memória documental do real, enquanto a arte seria considerada uma criação imaginária, um "produto subjetivo da sensibilidade de um artista e de sua habilidade" (Dubois, 1993, p. 32).

No segundo tempo, a transformação do real surge a partir do momento em que a objetividade e a naturalidade da fotografia foram questionadas. "Com esforço tentou-se demonstrar que a imagem fotográfica não é um espelho neutro, mas um instrumento de transposição, de análise, de interpretação e até de transformação do real, como a língua, por exemplo, e assim, também, culturalmente codificada". (Dubois, 1993, p.26).

Neste sentido, Lohmann e Barros (2018, p. 64) explicam que naquele momento "a fotografia deixa de ser entendida como transparente, inocente e realista. Ela deixa para trás o conceito de verdade empírica para abraçar a verdade interior".

No último tempo, entende-se que a fotografia é um traço do real. Daquele momento em diante, "a imagem foto torna-se inseparável de sua experiência referencial, do ato que a funda. Sua realidade primordial nada diz além de uma afirmação de existência. A foto é em primeiro lugar índice. Só depois ela pode tornar-se parecida (ícone) e adquirir sentido (símbolo)" (Dubois, 1993, p. 53).

Ou seja, conforme explicam as autoras Lohmann e Barros (2018), a fotografia passaria a ser considerada um índice, o qual representa a conexão e o contato direto entre o signo (a imagem fotográfica) e seu referente (o objeto ou evento registrado). Nesse caso, a semelhança não é necessária, pois a imagem possui um valor singular e particular, uma vez que é determinada exclusivamente pelo seu referente.

Logo, de espelho da realidade a um traço do real, o fato é que a fotografia já surgiu com o intuito de documentar a sociedade industrial do século XIX, onde ela nasceu (Rouillé, 2009). Conforme o autor, uma das principais finalidades da fotografia-documento, assim como ele mesmo conceituou, foi a criação de um novo registro do mundo real, materializado em álbuns e posteriormente em arquivos. Porém, o termo documento da fotografia foi revisto em 1910, durante o V Congresso Internacional de Fotografia. Na ocasião:

[...] decidi reservar o termo "documento" somente às imagens que podem "ser utilizadas em estudos de naturezas diversas ". Ficava claro que "a beleza da fotografia é, aqui, coisa secundária, (pois] basta que a imagem seja bem nítida, abundante em detalhes e cuidadosamente tratada para resistir o maior tempo possível às avarias do tempo (Rouillé, 2009, p. 61).

De acordo com as explicações de Rouillé (2009), embora tenha ficado claro durante o evento que nem todas as fotografias são documentos, muitas declarações foram feitas, como a de Philippe Soupault, que afirmou que toda fotografia é principalmente um documento, e que a estética seria uma característica opcional (Soupault apud Rouillé, 2009, p. 61).

Assim, a fotografia-documento passou por uma crise profunda, e essa "virada de tendência", como definido por Rouillé (2009), deu origem ao termo fotografia-expressão, que significava que "outras posturas, outros usos, outras formas, outros

procedimentos, outros territórios, até então marginalizados ou proibidos, emergem ou desenvolvem-se" (Rouillé, 2009, p. 28), diferente da fotografia-documento.

Portanto, a partir das considerações acima, podemos afirmar que uma fotografia possui a capacidade de desempenhar simultaneamente essas duas funções: a de documento e a de expressão. Como Rouillé (2009) bem colocou, a fotografia já foi e continua sendo utilizada para diversos fins, como para informação jornalística e para identificação de identidade, por exemplo, mas também é contemplada em galerias e nos museus por seus méritos estéticos. Kossoy (2014) referenciou o fotógrafo Brassai para explicar essa relação entre fotografia e arte.

A fotografia tem um destino duplo... Ela é a filha do mundo do aparente, do instante vivido, e como tal guardará sempre algo do documento histórico ou científico sobre ele; mas ela é também filha do retângulo, um produto das belas-artes, o qual requer o preenchimento agradável ou harmonioso do espaço com manchas em preto e branco ou em cores. Neste sentido, a fotografia terá sempre um pé no campo das artes gráficas e nunca será suscetível de escapar deste fato (Brassai apud Kossoy, 2014, p. 52).

Agora que reconhecemos a existência de uma relação simbiótica entre a fotografia como documento e expressão, vamos explorar mais a fundo o seu papel como documento.

Para Sontag (2004, p. 16), "fotos fornecem um testemunho" e "equivale a uma prova incontestável de que determinada coisa aconteceu. A foto pode distorcer; mas sempre existe o pressuposto de que algo existe, ou existiu, e era semelhante ao que está na imagem".

Embora a fotografia comprove que algo realmente aconteceu, ela é apenas um recorte de um determinado tempo e espaço de uma realidade. Dubois (1993, p. 161) destaca que "a foto aparece dessa maneira, no sentido forte, como uma fatia, uma fatia única e singular de espaço-tempo, literalmente cortada ao vivo. Marca tomada de empréstimo, subtraída de uma continuidade dupla".

Essas fotografias, mesmo sendo fragmentos da realidade, podem ajudar a contextualizar fatos e acontecimentos históricos importantes, podendo ser considerada também uma fonte documental para estudos. Ao examinar fotografias, é possível obter informações valiosas sobre o passado, contribuindo para a compreensão e a preservação da história.

Kossoy (2014, p. 41) salienta que "a imagem fotográfica é o que resta do acontecido, fragmento congelado de uma realidade passada, informação maior de

vida e morte, além de ser o produto final que caracteriza a intromissão de um ser fotógrafo num instante dos tempos". O autor também ressalta que toda fotografia é um resíduo do passado. Essa fotografia pode revelar tanto sobre o assunto, o fotógrafo e a tecnologia utilizada para fotografar, quanto também pode revelar muitas informações a respeito daquele determinado fragmento congelado.

Neste sentido, Sontag (2004, p. 85) também concorda que toda fotografia é um resquício do passado e que pode ser perturbador observar inclusive como as pessoas envelhecem. Para ela "a fotografia é o inventário da mortalidade. [...] As fotos mostram as pessoas incontestavelmente presentes num lugar e numa época específica de suas vidas; agrupam pessoas e coisas que, um instante depois, se dispersaram, mudaram, seguiram o curso de seus destinos independentes".

Ao encontro disso, Barthes (1984, p. 13) destaca que "o que a fotografia reproduz ao infinito só ocorreu uma vez: ela repete mecanicamente o que nunca mais poderá repetir-se existencialmente." Ou seja, um clique é capaz de congelar um momento que nunca mais se repetirá, não no mesmo espaço e tempo.

Embora enalteça esse papel crucial da fotografia, Kossoy (2014, p. 30) revela que ela ainda não alcançou seu status máximo enquanto documento.

As múltiplas informações de seus conteúdos enquanto meio de conhecimento tem sido timidamente empregadas no trabalho histórico. Por outro lado, investigações de cunho científico acerca da história da fotografia - inserida num contexto mais amplo da história da cultura - ainda são raras.

Mas além de ter um papel importante como documento, a fotografia precisa de espectadores e é capaz de suscitar emoções e evocar memórias. De acordo com Soulages (2010, p. 11 apud Oliveira, 2018, p. 59), "uma foto é um vestígio", logo ela é incompleta e precisa de um espectador para que as histórias por trás de uma imagem sejam reveladas. Desta forma, uma imagem "ativa as funções imaginativa e narrativa da memória, além de suscitar evocações ritualísticas e de culto para aqueles que mantêm alguma relação com o que foi fotografado".

Para Oliveira (2018), "a fotografia também é envolta em uma aura afetiva, por sua capacidade de suscitar emoções e sentimentos. A partir dos velhos retratos é possível analisar a passagem dos dias, vasculhar na memória as sensações de um tempo que já se foi" (Oliveira, 2018 p. 40).

Nesse sentido, a fotografia ganha destaque como um documento histórico e também assume esse papel afetivo, repleto de lembranças e sentimentos, podendo essas memórias serem individuais ou coletivas.

5 ORIGEM DO TERMOS ICONOGRAFIA E ICONOLOGIA

Neste capítulo, será abordado a origem dos conceitos que serão aplicados pela pesquisadora nas imagens selecionadas de Sebaldo.

Acredita-se que a primeira pessoa a usar o termo iconologia foi o italiano Cesare Ripa, em um livro renascentista de imagens (Unfried, 2014, p. 1-2). Segundo o autor, a obra era estruturada como uma "espécie de enciclopédia ilustrada", e foi feita com o objetivo de auxiliar os artistas daquela determinada era a "orientá-los na representação de subjetividades, tais como virtudes, vícios, sentimentos e paixões humanas". No livro, "Ripa apresentava mais de mil "personificações" organizadas em ordem alfabética, descrevendo minuciosamente como utilizar imagens para representar desde a "abundância" (abondanza) até o "zelo" (zelo)" (Novaes, 2013, p. 43-64).

Porém, em conformidade com Starten (1993 apud Novaes, 2013), o conceito perdeu sua relevância ao longo do tempo. Por consequência, conforme Novaes (2013), a iconologia foi raramente empregada até o começo do século XX, quando alguns estudiosos começaram a adotar esse termo para analisar as obras artísticas e seus significados e contextos históricos.

De acordo com Heckscher (1985 apud Novaes, 2013), o retorno do uso do conceito surgiu em 1912, quando Aby Warburg teria usado o termo durante uma palestra proferida no congresso de estudiosos de arte realizado em Roma.

Domenèch (2011 apud Unfried, 2014) pontuou que Ady Warburg fazia parte do mais renomado grupo de iconografistas. O grupo era sediado na Escola de Warburg,

localizada em Hamburgo, durante os anos anteriores à chegada de Hitler ao poder na Alemanha. Essa instituição, estabelecida por Aby Warburg em torno da biblioteca por ele criada, foi posteriormente deslocada para Londres devido à ascensão do regime nazista.

Além de Warburg, pessoas como Fritz Saxl, Erwin Panofsky, Edgar Wind e o Ernst Cassirer também integravam esse mesmo grupo (Burke, 2004 apud Unfried, 2014).

Entre esses renomados estudiosos, Erwin Panofsky, foi quem se tornou um "grande difusor das ideias de Warburg no crescente meio acadêmico norte-americano" (Novaes, 2013).

5.1 Iconografia e iconologia a partir de Erwin Panofsky

Vimos no capítulo anterior que Erwin Panofsky foi reconhecido como um discípulo de Aby Warburg e se tornou uma figura importante no desenvolvimento dos conceitos de iconografia e iconologia. Neste capítulo, exploraremos a forma como Erwin Panofsky conceituou esses termos e como ele os classificou.

No primeiro capítulo da obra intitulada "Significado nas Artes Visuais" de Erwin Panofsky (2007), o autor explica que a "Iconografia é o ramo da história da arte que trata do tema ou mensagem das obras de arte em contraposição à sua forma. Tentemos, portanto, definir a distinção entre tema ou significado, de um lado, e forma, de outro".

Além de conceituar o que é iconografia e iconologia, Panofsky (2007) classifica a análise de uma obra de arte em três níveis distintos.

O primeiro nível, intitulado de tema primário ou natural, trata sobre as configurações específicas presentes na obra, como formas, linhas, cores e eventos. Nessa etapa, ocorre uma descrição pré-iconográfica da obra.

Já o tema secundário ou convencional vai além da simples descrição da imagem, abrangendo a relação entre os motivos e combinações artísticas com temas e conceitos. Essa fase é denominada por Panofsky (2007) de descrição iconográfica.

Por fim, o terceiro e último estágio está o significado intrínseco ou conteúdo, sendo chamado de iconologia. Nessa fase, são analisados os valores simbólicos presentes na obra, cujos significados "revelam a atitude básica de uma nação, de um

período, classe social, crença religiosa ou filosófica qualificados por uma personalidade e condensados numa obra" (Panofsky, 2007, p. 52).

O autor exemplifica esses conceitos a partir da obra de Leonardo da Vinci.

Enquanto nos limitarmos a afirmar que o famoso afresco de Leonardo da Vinci mostra um grupo de treze homens em volta a uma mesa de jantar e que esse grupo de homens representa a Última Ceia, tratamos a obra de arte como tal e interpretamos suas características composicionais e iconográficas como qualificações e propriedades a ela inerentes. Mas, quando tentamos compreendê-la como um documento da personalidade de Leonardo, ou da civilização da Alta Renascença italiana, ou de uma atitude religiosa particular, tratamos a obra de arte como um sintoma de algo mais que se expressa numa variedade incontável de outros sintomas e interpretamos suas características composicionais e iconográficas como evidência mais particularizada desse "algo mais". A descoberta e interpretação desses valores "simbólicos" (que, muitas vezes, são desconhecidos pelo próprio artista e podem até diferir enfaticamente do que ele conscientemente tentou expressar) é o objeto do que se poderia designar por "iconologia" em oposição a "iconografia" (PANOFKSY, 2007, p. 52-53).

Ainda sobre a diferença entre iconografia e iconologia, Panofsky explica que o sufixo "grafia" do conceito iconografia vem do verbo grego *graphein*, que significa "escrever" em português. Logo, "a iconografia é a "descrição e classificação das imagens".

Para Panofsky (2007), a iconografia desempenha sim um papel fundamental ao ajudar o observador a identificar datas, origens e autenticidade de uma obra, fornecendo, assim, as informações necessárias para a interpretação. Entretanto, o autor explica que ela "coleta e classifica a evidência, mas não se considera obrigada ou capacitada a investigar a gênese e significação dessa evidência" (Panofsky, 2007, p. 53). O autor resume que a iconografia revela apenas alguns elementos importantes do "conteúdo intrínseco da obra de arte e que precisam tornar-se explícitos se quiser que a percepção desse conteúdo venha a ser articulada e comunicável".

Panofsky (2007) esclarece que, enquanto o termo "grafia" está relacionado à escrita, o sufixo "logia" está ligado ao pensamento e à razão, sugerindo uma abordagem interpretativa. O autor pontua que a "iconologia, portanto, é um método de interpretação que advém da síntese mais que da análise".

O autor conclui que entende "a iconologia como uma iconografia que se torna interpretativa e, desse modo, converte-se em parte integral do estudo da arte, em vez de ficar limitada ao papel de exame estatístico preliminar".

6 ANÁLISE ICONOGRÁFICA E INTERPRETATIVA ICONOLÓGICA DE BORIS KOSSOY

Agora que já compreendemos nos capítulos anteriores a origem dos termos de iconografia e iconologia e que a fotografia desempenha um papel essencial como documento, mesmo sendo uma representação selecionada da realidade por meio de uma escolha do fotógrafo, neste capítulo, aprofundaremos os conceitos de iconográfica e iconológica de Boris Kossoy. Para iniciar esta discussão, Kossoy (2016, p. 24) ressalta que o potencial informativo de fotografias:

[...] poderá ser alcançado na medida em que esses fragmentos forem contextualizados na trama histórica em seus múltiplos desdobramentos (sociais, políticos, econômicos, religiosos, artísticos, culturais enfim) que circunscrever no tempo e no espaço o ato da tomada do registro. Caso contrário, estas imagens permanecerão estagnadas em seu silêncio: fragmentos desconectados da memória, meras ilustrações "artísticas" do passado.

Com o intuito de auxiliar pesquisadores e historiadores na contextualização de fotografias como documentos históricos, o pesquisador brasileiro Boris Kossoy adaptou os termos de Panofsky (2007) sobre iconografia e iconologia para o contexto da fotografia. Conforme mencionado por Unfried (2014, p. 4), Kossoy introduziu novos elementos e conceitos específicos para a análise de fotografias. Neste capítulo, considerando que esta pesquisa utilizará as ferramentas da análise iconográfica e interpretação iconológica, vamos explorar esses conceitos, os quais foram apresentados por Boris Kossoy especialmente em seu livro "Fotografia & História, bem

como ao longo de toda sua trilogia, nos livros "Realidades e Ficções na Trama Fotográfica" e "Os Tempos da Fotografia: O Efêmero e o Perpétuo".

Kossoy (2014, p. 48) ressalta que "toda fotografia tem atrás de si uma história". No entanto, seu valor histórico e sua capacidade de fornecer informações só são efetivamente obtidas quando a fotografia é devidamente analisada e contextualizada no seu devido espaço e tempo. Para esse fim, o autor sugere as metodologias de iconografia e de interpretação iconológica.

A metodologia de análise iconográfica restringe-se a uma breve descrição de uma imagem fotográfica. Para o autor, "a análise iconográfica tem o intuito de detalhar sistematicamente e inventariar o conteúdo da imagem em seus elementos icônicos formativos; o aspecto literal e descritivo prevalece, o assunto registrado é perfeitamente situado no espaço e no tempo, além de corretamente identificado (Kossoy, 2014, p. 109). Neste sentido, o pesquisador explica que esta análise abrange informações visuais como tempo, data, época em que o registro fotográfico foi feito, eventuais anotações presentes na fotografia e uma descrição concisa do conteúdo da imagem.

Boris Kossoy, no livro "Realidades e Ficções na Trama Fotográfica" (2016, p. 56), propõe duas abordagens multidisciplinares para desvendar as informações explícitas e implícitas contidas em um documento fotográfico. A primeira abordagem pretende-se identificar os elementos que contribuíram para a sua materialização como um documento (tais como o assunto, o fotógrafo e a tecnologia utilizada), em um determinado local e período de tempo (suas coordenadas de situação: espaço, tempo). Já na segunda abordagem busca recuperar informações presentes na imagem, a partir de uma análise detalhada do conteúdo.

As informações extraídas a partir dela são consideradas úteis, uma vez que oferecem evidências tangíveis sobre a materialização do documento (Kossoy, 2016, p. 56).

Embora Kossoy (2014, p. 92) menciona que "isto implica a verificação de todos os detalhes das imagens", esta análise iconográfica é apenas um ponto de partida para a real identificação de uma imagem como documento histórico. No entanto, Kossoy defende que essa análise não é suficiente para utilizar a fotografia como documento histórico. É necessário realizar uma análise adicional, chamada de iconográfica. Afinal, "ver, descrever e constatar não é suficiente" e que "só será

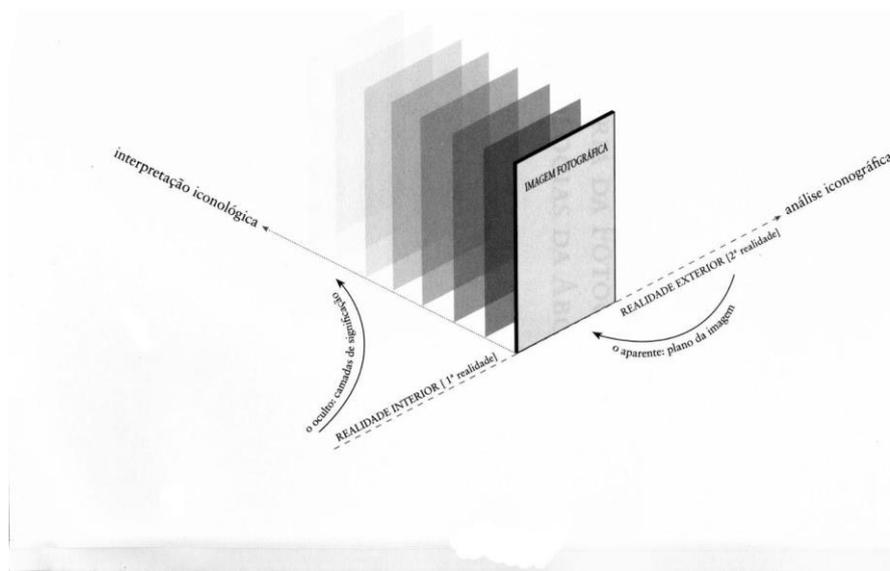
possível se o fragmento visual for compreendido em sua interioridade" (Kossoy, 2014, p. 110).

Assim como para Panofsky (2007), Kossoy (2016) conceitua iconologia como uma análise profunda de interpretação do momento em que um instante foi congelado pela máquina fotográfica, ou seja, quando a fotografia foi feita.

Kossoy (2016, p. 57) sugere dois caminhos básicos para essa interpretação iconológica. A primeira seria "resgatar, na medida do possível, a história própria do assunto, seja no momento em que foi registrado, seja independentemente da mesma representação", e já o segundo caminho é "buscar a desmontagem das condições de produção: o processo de criação que resultou na representação em estudo".

Ou seja, enquanto a análise iconográfica analisa o conteúdo do documento, o que o autor chama de "segunda realidade", a análise de interpretação iconológica identifica o contexto em que originou a fotografia, ou seja, a "primeira realidade" (Kossoy, 2014, p. 113). Na imagem abaixo, é possível observar mais claramente a diferença entre os dois tipos de análise.

Figura 8 - Análise iconográfica e interpretação iconológica



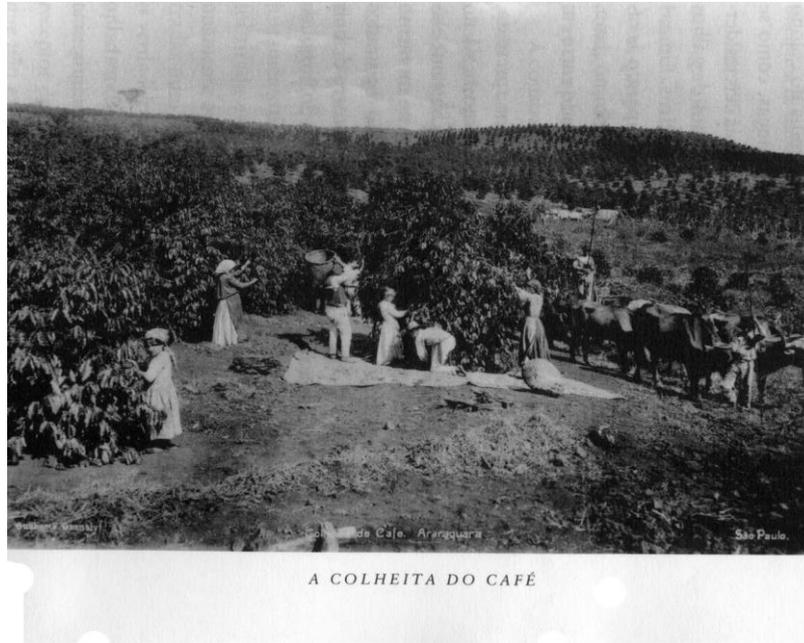
Fonte: Kossoy (2014, p. 137).

Logo, enquanto a análise iconográfica restringe-se a uma análise da segunda realidade, a do documento, a de interpretação iconológica, aprofunda-se na primeira realidade, para entender o contexto histórico em que a fotografia foi originada.

Com o intuito de esclarecer de forma mais detalhada essa diferença, o escritor apresenta um exemplo visual amplamente divulgado no passado, seja em cartões

postais ou em publicações ilustradas. Trata-se de uma imagem capturada pelo fotógrafo Guilherme Gaensly, produzida em uma fazenda situada no interior do Estado de São Paulo.

Figura 9 - A colheita do café



Fonte: Kossoy (2014, p. 133).

Ao realizar uma análise iconográfica desta imagem, Kossoy (2014, p. 32) escreve que refere-se a "um grupo de colonos - provavelmente imigrantes - em plena colheita num cafezal em fazenda da região de Araraquara". Ainda, complementou que:

Na época próxima à colheita, que ocorre geralmente em maio, são executadas as tarefas de preparação. Durante o período da colheita toda a família do colono participava do trabalho, inclusive as crianças, como se vê na foto. A colheita é feita por derrça; as cerejas derrçadas, juntamente com folhas e pedacinhos de galhos são rastelados para fora das saias dos cafeeiros. Limpas as cerejas com as peneiras são conduzidas para o lavador ou diretamente para o terreiro. A colheita no pano, registrada ao centro, evita que o café derrçado entre em contato com a terra (Nixdorf, 1954, apud Kossoy, 2014, p. 134).

Por outro lado, Kossoy ressalta que a foto foi bem elaborada e que possui uma boa composição, uma vez que os personagens estão naturalmente colocados em "plena harmonia com o carro de bois e o restante da paisagem montanhosa ao fundo por onde se estende o cafezal" (Kossoy, 2014, p. 134).

Por sua vez, na análise de interpretação iconológica, Kossoy que esta fotografia esconde uma "dura realidade" (Kossoy, 2014, p. 134). Mediante essa análise, verificou-se que, no ano de 1902, o governo italiano emitiu um decreto proibindo a imigração subsidiada para São Paulo, devido às denúncias de condições de vida e trabalho precárias enfrentadas pelos imigrantes no Brasil. Conseqüentemente, essa imagem revela-se como uma mera construção estética, com o propósito de atrair colonos para as fazendas paulistas. O fotógrafo foi contratado pelo Governo do Estado para documentar essas propriedades rurais. Portanto, ao observar a imagem apenas com a análise iconográfica, ela aparenta ser uma representação "romântica" e verídica, como mencionado pelo autor, mas, na realidade, trata-se apenas de uma ficção criada com outra finalidade (Kossoy, 2014, p. 135-136).

Kossoy reforça que as fotografias não conferem ou despertam sentimentos naqueles que não se esforçam para compreender o contexto histórico no qual a imagem se originou. Portanto, a análise iconológica se apresenta como uma metodologia crucial para os pesquisadores do campo aprofundarem-se na história de uma imagem fotográfica. Conforme escreveu Kossoy em (2014, p. 169):

Não há como avaliar a importância de tais imagens se não existir o esforço em conhecer e compreender o momento histórico pontilhado de nuances nebulosas em que aquelas imagens foram geradas. Por outro lado, essas imagens pouco contribuirão para o progresso do conhecimento histórico se delas não se extrair o potencial informativo embutido que as caracteriza. As fotografias não são meras "ilustrações ao texto". A imagem fotográfica informa sobre o mundo e a vida, porém em sua expressão e estética próprias.

Para realizar a análise, Kossoy (2014) indica aos pesquisadores que mantenham uma certa proximidade com pessoas da comunidade e cronistas, indivíduos que provavelmente poderão auxiliar na análise de interpretação iconológica. "É fundamental para essa tarefa o contato permanente com a comunidade. As pessoas mais idosas e os cronistas do lugar devem ser consultados, pois possivelmente terão condições para identificar e relatar circunstâncias que envolveram os cenários documentados e os personagens retratados" (Kossoy, 2014, p. 93).

Agora que os conceitos foram esclarecidos, a próxima fase desta pesquisa consistirá na realização da análise iconográfica e iconológica proposta por Boris Kossoy, utilizando imagens selecionadas de José Sebald Hammes. Por meio desse

método, busca-se resgatar informações que contribuam para alcançar o objetivo deste estudo, que é compreender o valor das imagens fotográficas de José Sebald Hammes para a documentação da história social da cidade de Lajeado, RS.

7 ANÁLISE DE ICONOGRAFIA E DE INTERPRETAÇÃO ICONOLÓGICA DE FOTOGRAFIAS SELECIONADAS DE SEBALDO

Neste capítulo, será efetuada a análise de iconografia e de interpretação iconológica, com base nos princípios adaptados pelo autor Boris Kossoy, previamente abordados em um capítulo anterior. Para a realização dessa análise, foram conduzidas entrevistas com pelo menos uma pessoa retratada em cada fotografia e realizadas pesquisas em jornais e documentos, tanto impressos quanto digitais.

As pessoas entrevistadas, que aparecem retratadas nas fotografias abaixo, são: Luciana Costa, Daniel Kappler, Marisa Kalkmann, Rita de Cássia Silva e Vera Vasconcelos Lau.

Figura 10 - Desfile Rainha das Piscinas – CTG Bento Gonçalves



Fonte: José Sebaldo Hammes (1994).

Considerando os princípios de análise iconográfica conforme proposto por Boris Kossoy, ao realizar uma análise desta imagem, observamos que o evento tratava-se de um desfile. De um lado da cerca, vemos um grupo de mulheres vestindo biquínis, sendo quatro mulheres caminhando uma atrás da outra em uma direção, e outra, vestindo um maiô de cor supostamente verde, caminhando na direção contrária, aparecendo de diagonal para a câmera. Enquanto do outro lado da cerca, encontram-se pessoas de diversas idades que parecem estar torcendo, segurando faixas e balões, e observando as candidatas com atenção. Ao fundo, é possível identificar um ambiente coberto e árvores grandes ao fundo.

Com base em entrevistas e pesquisas realizadas, podemos identificar que o cenário da fotografia é a antiga sede do Centro de Tradições Gaúchas (CTG) Bento Gonçalves, o primeiro CTG de Lajeado, fundado em 12 de julho de 1954, e o primeiro associado à 24ª Região Tradicionalista, conforme relatado por Oliveira (2023), atual patroa do CTG. Esta entidade tradicionalista, durante a década de 1960, foi a pioneira na cidade a oferecer uma piscina em um clube social (Lordes, 2019).

No momento desta foto, estava sendo realizado o concurso de Rainha das Piscinas, no mês de fevereiro do ano de 1994. Gräff e Munhoz (2019), no livro "O Bento 65 anos: a história do CTG Bento Gonçalves - Lajeado," explicaram que o CTG passou a ter representantes em concursos de beleza em nível estadual por meio do Departamento de Piscinas. Um dos eventos de destaque foi a Rainha das Piscinas do Rio Grande do Sul.

A candidata que se destaca na fotografia, usando um maiô de cor verde, chama-se Luciana Costa. Ela era uma das concorrentes no concurso de 1994, e participava pela primeira e última vez aos seus 17 anos. Motivada pelo próprio clube e pelos seus familiares, Luciana decidiu participar do concurso.

Nesse dia, ela recebeu o título de primeira princesa, enquanto Marguit Both conquistou o título de Rainha das Piscinas do ano de 1994, conforme mencionado por Gräff e Munhoz (2019).

Luciana recordou com carinho daquele momento enfatizando que "Foi um momento muito especial na minha vida" e mencionou que Sebaldo era uma figura carismática, que estava sempre presente nas festas e nos carnavais.

E de fato, as pessoas que aparecem ao fundo estavam realmente na torcida pelas candidatas (Costa, 2023). Já mais ao fundo, a área coberta que aparece, fazia parte do complexo de lazer, que incluía não apenas a piscina, como também um salão

social, churrasqueira e uma quadra esportiva. No entanto, na imagem, não mostra o galpão onde eram realizadas as atividades tradicionalistas gaúchas (Gräff; Munhoz, 2019).

Naquela época, as piscinas do CTG proporcionavam um espaço de lazer para a comunidade. Conforme Gräff e Munhoz (2019), durante muitos anos, as piscinas foram a maior atração social entre os jovens e adultos da cidade, assim como afirmou Oliveira:

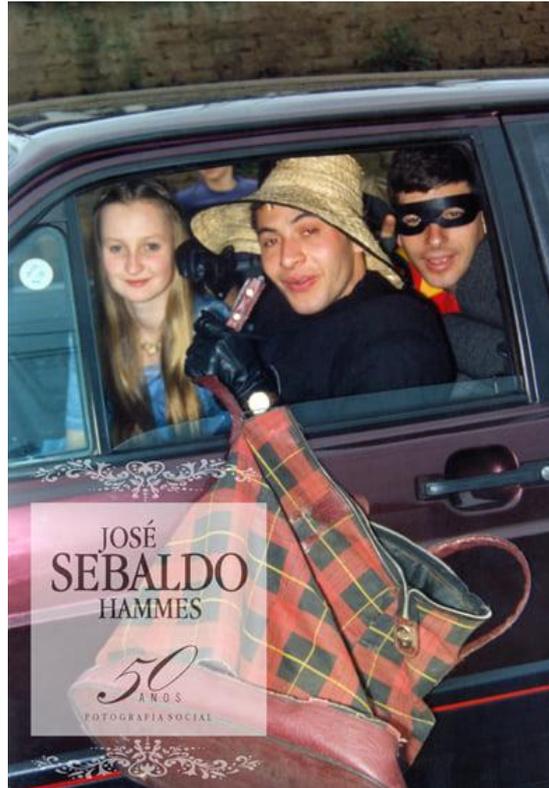
Como era o único clube que tinha piscina, ele teve a adesão unânime da comunidade lajeadense. Extrapolamos o número de associados na época. As piscinas tinham como objetivo reunir a comunidade em um lugar de lazer. Era um espaço onde as pessoas faziam muitas amizades. O pessoal fazia seu chimarrão, ficava na sombra e tinha uma quadra de futebol de areia onde os meninos jogavam bola. Era muito frequentado pela comunidade (Oliveira, 2023).

As piscinas foram inauguradas em 17 de novembro de 1963, representando a primeira entidade de Lajeado a disponibilizar piscinas para os associados. Essa ocasião foi celebrada com uma festa animada, atraindo espectadores de toda a região (Gräff; Munhoz, 2019)

O desfile do concurso que Sebaldo retratou foi um dos últimos a ser realizado, pois logo em seguida o Departamento de Piscinas do CTG começou a enfrentar várias dificuldades. Uma delas foi a redução do número de associados devido à abertura de piscinas em outros clubes sociais, bem como às enchentes frequentes do Rio Taquari, que danificavam a estrutura. Como consequência, as atividades das piscinas foram encerradas em 2005 e o local foi aterrado. Atualmente, no endereço que se localizava, na esquina das ruas João Batista de Mello e Francisco Oscar Karnal, no Centro de Lajeado.

Hoje em dia, o CTG Bento Gonçalves tem sua sede no bairro São Bento, em Lajeado. A mudança de local deveu-se às inundações frequentes do Rio Taquari, que afetaram a antiga sede em várias ocasiões, durante quase 50 anos, culminando na interdição de todo o espaço pela Defesa Civil, após a enchente ocorrida em 22 de julho de 2011, quando o Rio Taquari alcançou 26,85 metros, causando danos irreparáveis. Como resultado, o CTG perdeu parte de sua história, incluindo atas e outros documentos importantes, de acordo com Oliveira (2023) e Lordes (2019).

Figura 11 - Encerramento da segunda edição da Festa à Fantasia



Fonte: José Sebald Hammes (1992).

Iconograficamente é possível descrever a imagem da seguinte forma: dentro de um veículo, com vidros abertos, encontram-se três ocupantes, incluindo dois homens e uma mulher. O primeiro plano destaca um homem no papel de motorista do veículo, vestindo um chapéu, luvas, relógio e carregando uma bolsa grande, parte da qual está para fora do carro. À direita do homem, a mulher ocupa o assento do passageiro, vestindo o que parece ser um vestido azul, embora não seja possível identificar detalhes específicos, exceto um colar que ela está usando. No banco traseiro, encontra-se outro homem, usando uma máscara preta nos olhos.

Durante a análise de interpretação iconológica, por meio da entrevista com Daniel Kappler, identificado na imagem, foi possível identificar que os indivíduos presentes na fotografia incluem além de Daniel, em destaque, Gisele e Giuliano. Este trio de amigos estava deixando o local após o encerramento da 2ª edição da Festa à Fantasia de Lajeado, um evento tradicional que está prestes a comemorar sua 30ª edição em 2024. Esta segunda edição, conforme Kappler (2023) e Faleiro e Amaral (2022), ocorreu no dia 05 de setembro de 1992, na Danceteria Aquarius. Conforme relato de Daniel, tanto ele quanto Giuliano são sócios fundadores desta festa. "Entraram mais de 1000 e mais de 300 não puderam entrar. [...] A Aquarius era uma

boate que estava com os dias contados pois não conseguia fazer frente com a Lúpus, que era a casa badalada da época", recordou Kappler (2023).

A primeira edição do evento aconteceu em 1991, e surgiu como uma comemoração concebida para um grupo de amigos. No entanto, a notícia sobre essa festa, que foi realizada na Associação Comercial e Industrial de Lajeado, rapidamente se espalhou, atraindo um número de 250 participantes já em sua estreia. Nos anos seguintes, o evento cresceu, e com o passar do tempo, a cidade de Lajeado conquistou reconhecimento nacional por ter essa festividade (Faleiro; Amaral, 2022).

O fundador da festa compartilhou que, na véspera e nos dias seguintes ao evento, a comunidade estava repleta de conversas e comentários entusiasmados sobre a festa, que trazia consigo uma onda de alegria e diversão (Kappler apud Faleiro; Amaral, 2022). De acordo com Faleiro e Amaral (2022), a festa à fantasia é a mais antiga do estado do Rio Grande do Sul.

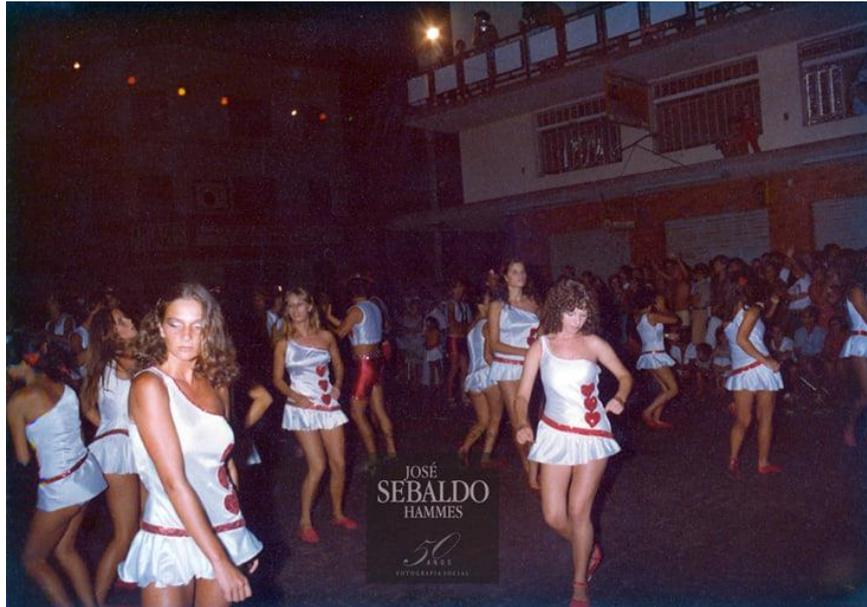
Questionado sobre suas recordações desse momento, Kappler afirmou que tinha lembranças vívidas e explicou que a fotografia foi tirada na manhã seguinte ao encerramento da festa, quando ele e seus amigos saíram da festa na danceteria e decidiram passear fantasiados pela cidade. Nas palavras de Kappler (2023), "Estávamos em êxtase, pois a festa havia sido um sucesso espetacular, e ainda tínhamos obtido lucros muito acima das nossas expectativas com a produção do evento".

Kappler também compartilhou que mais de mil pessoas participaram dessa edição e expressou: "Foi nesse momento que percebemos o potencial comercial da festa, que até então era vista apenas como uma diversão" (Kappler, 2023).

Ele descreveu sua própria fantasia como a de Batman, enquanto Giuliano estava fantasiado de Robin. Os sócios costumavam conceder credenciais para que Sebaldo pudesse fotografar o evento.

Após pesquisas em jornais locais, não foi possível encontrar nenhuma notícia sobre este evento. As edições mais próximas eram datadas de 5 de setembro e 9 de setembro, não havendo registro de informações sobre este evento específico no Jornal O Informativo do Vale.

Figura 12 - Desfile de carnaval de rua



Fonte: José Sebaldo Hammes (1981).

Sob a ótica de iconografia, visualizamos um grupo de mulheres, todas vestindo vestidos brancos com estampas de corações, que aparentemente participam de um desfile de rua. Além de estarem vestindo a mesma roupa, em algumas é possível perceber que estão maquiadas e usando acessórios no cabelo. A imagem sugere que essas mulheres estão em movimento, possivelmente dançando, uma vez que cada uma delas está em uma posição diferente. Ao fundo, podemos ver uma parte de um prédio, onde encontra-se uma plateia observando a passagem desse grupo de mulheres. Ainda, é possível perceber a presença de pessoas paradas na calçada e sentadas ao longo do meio-fio, embora a falta de luz dificulte a identificação de detalhes mais precisos. Supostamente, a cena foi capturada à noite.

Aprofundando o contexto histórico da fotografia, ou seja, a análise iconológica, foram realizadas entrevistas com Marisa Kalkmann, além de pesquisas em jornais, a fim de identificar o evento como então desfile de rua de carnaval de Lajeado do ano de 1981. A imagem foi registrada na Rua Júlia de Castilhos, uma das ruas mais movimentadas e emblemáticas da cidade, situada no centro da cidade.

As mulheres retratadas na foto faziam parte do bloco denominado "Explode Coração", o que justifica as estampas em formato de corações em seus vestidos.

A pessoa entrevistada, identificada na foto, foi Marisa, posicionada em segundo plano na imagem. Marisa compartilhou que essa foi a única vez em sua vida que foi integrante de um bloco de carnaval, ocorrido quando ela tinha 16 anos, ano de 1981.

Segundo seu relato, essa foi a primeira ocasião em que o bloco, originalmente fundado por amigos do gênero masculino, convidou mulheres para participarem. É o que afirmou Barzotto (1981), ao escrever em sua coluna "O plá do Xyco" que "A explode coração que era só DELES, virá com elas".

O desfile, intitulado de "Lajeado ano 90", era um evento promovido pela Prefeitura de Lajeado, Rádio Independente ano 30 e Clube Tiro e Caça. (Lajeado...1981). O desfile começou pontualmente às 21 horas (Organização...1981). Os foliões desfilaram no trecho compreendido entre Loja Huffner e Banco do Brasil, sendo que o bloco Explode Coração, uma das mais recentes entidades carnavalescas da época, foi o terceiro a desfilarem (Esta...1981). O enredo da época era:

CARNAVAL, SÓ CARNAVAL

Carnaval, só Carnaval

Carnaval Explode Coração a gente samba, balança, só sabe que hoje é Carnaval e sendo assim, tudo se esquece

Lembrando que hoje é dia de viver... o Carnaval

Nós somos reis

Somos Rainhas

Rasgando a dor e a ilusão do

Povo na avenida

E lá no céu a lua nos espia achando que o seu brilho é fantasia...

Em Carnaval (Barzotto, 1981).

Kalkmann (2023) destacou que o clima da festa era muito divertido e que o desfile movimentava toda a cidade, que prestigiava o evento.

"A gente descia a Júlio. [...] Era muito divertido. E se eu não me engano, o Explode Coração, no ano de 81, ficou em segundo lugar. Depois dali todo mundo ia para a festa no Clube Tiro e Caça, onde aconteciam as apresentações das escolas e depois a escolha do vencedor" (Kalkmann, 2023).

A previsão dos organizadores era de que fosse um dos maiores carnavais até então, e de fato, essa previsão se confirmou. Somente o bloco que Marisa integrava contava com 90 figurantes, conforme (ORGANIZAÇÃO...1981).

Assim que finalizado o carnaval de rua, a festa continuou no Clube Tiro e Caça, com a divulgação dos vencedores e com a entrega dos prêmios no valor superior a cinquenta mil cruzeiros (RESULTADO...1981). Ao contrário da recordação de Marisa,

o Explore Coração conquistou o terceiro lugar no ano de 1981 (ORGANIZAÇÃO...1981).

Atualmente, o edifício que aparece ao fundo não existe mais. Conforme Kalkmann (2023), o prédio da foto era denominado de Otto Kunrath, localizado na esquina das ruas Júlio de Castilhos com Santos Filho, que foi substituído por uma construção mais moderna.

Naquela época, os desfiles e as festividades de Carnaval eram uma tradição sólida em Lajeado. O ápice dessas celebrações ocorreu particularmente nas décadas de 1970 a 1980, conforme relato de Weiss (2023).

Naquele tempo, as escolas de samba desfilavam na rua Júlio de Castilhos. Pessoas de todo o Vale vinham acompanhar os desfiles. Os carros alegóricos e as fantasias eram luxuosas, com peças vindas do Rio de Janeiro e de São Paulo. Alguns desfiles chegaram a movimentar em torno de meio milhão de reais (Weiss, 2023).

Conforme também apontado por Weiss, o último grande Carnaval realizado em Lajeado ocorreu em 1986. Embora tenha tido tentativas posteriores de retomar os desfiles, eles nunca tiveram a mesma grandiosidade de como era antes.

Figura 13 - Apresentação artística em evento religioso



Fonte: José Sebald Hamms (1998 – 2000).

Ao examinarmos esta imagem em uma abordagem descritiva, ou seja, através da análise iconográfica de Kossoy, identificamos um grupo de pessoas, abrangendo tanto crianças quanto adultos, todos vestindo camisetas brancas e gorros vermelhos, enquanto posam para a fotografia. Além disso, na composição da foto, observamos dois violões e uma mesa onde se encontra um equipamento de som. Sendo assim, sugere-se que a fotografia foi tirada no altar de uma igreja, uma vez que elementos religiosos aparecem em segundo plano. Supostamente, a cena retrata um grupo de músicos ligados à igreja, possivelmente durante uma celebração natalina, já que todos estão com gorros vermelhos em suas cabeças.

Aprofundando na análise iconológica, confirma-se que se trata de um evento religioso realizado durante o período natalino. A entrevistada, Rita de Cássia da Silva, que se encontra na última fileira da fotografia, esclareceu que esta imagem retrata uma apresentação do grupo musical sob a regência da professora de música Carla, na Igreja Matriz da Paróquia Santo Inácio de Loyola. Não se tratava da celebração principal de Natal, e o grupo musical não estava vinculado diretamente à igreja. Silva (2023) acredita que a fotografia foi feita no ano de 1999, mas não tem absoluta certeza.

Silva (2023) explicou que a professora de música, Carla, que aparece na foto segurando um violão, convidou seus alunos de diferentes turmas para se apresentarem com músicas natalinas na igreja. O grupo realizou ensaios para se preparar para esta apresentação. A foto não retrata em si a apresentação, e sim, provavelmente, após o evento encerrar.

Em relação à presença do público, que não é visível na foto, Silva (2023) mencionou que havia bastante participação, embora não suficiente para encher completamente a igreja.

De acordo com Chaves (2021), a igreja matriz da Paróquia Santo Inácio de Loyola foi construída em 1900, mas em 13 de janeiro de 1953, um incêndio a destruiu. Somente em 15 de abril de 1958, a nova igreja matriz foi inaugurada. Atualmente, a igreja, que fica localizada no Centro da cidade de Lajeado, é uma atração turística e é bastante procurada para cerimônias de casamento.

A retratada também compartilhou suas lembranças pessoais, mencionando que "essa foto me traz as melhores lembranças da minha mãe. Ela adorava o fato de eu cantar e tocar na igreja. Acho que eu fiz isso mais por ela do que por mim. A foto me traz a presença dela. Isso é muito bom" (Silva, 2023).

Além disso, ressaltou que naquela época, quando as opções de lazer na cidade eram limitadas, frequentar a igreja com a família era um hábito comum que diminuiu nos dias atuais em razão das tecnologias e novas opções de lazer.

Durante a entrevista, Silva (2023) também recordou outros momentos em que Sebaldo a fotografou ao longo de sua vida, falou sobre as características pessoais que recordava de Sebaldo e das lembranças que tinha das vezes em que o encontrava na igreja.

Figura 14 - Turma da primeira série do Colégio Madre Bárbara



Fonte: José Sebaldo Hammes (1973).

Ao analisar esta fotografia, podemos dizer, pelo senso comum, que se trata de uma imagem de uma turma de estudantes. No canto direito da foto, é possível identificar uma mulher adulta, presumivelmente a professora, cercada pelas crianças, que são os alunos. O ambiente retratado, com a presença de cartazes e trabalhos, claramente indica que é uma sala de aula. Todos os presentes estão posicionados e posando para a fotografia. Alguns estavam utilizando uma espécie de touca, com o símbolo de uma cruz vermelha.

No entanto, ao realizarmos uma análise iconológica, ou seja, ao compreender o contexto no qual a fotografia foi feita no passado, as informações fornecidas na descrição se confirmam, embora apresentem algumas ressalvas. A imagem retrata uma turma de estudantes da primeira série do ensino fundamental do Colégio Madre Bárbara, com a presença de Vera Lucia Vasconcelos Lau, que na época estava no papel de estagiária em vez de professora titular. De acordo com o relato de Lau (2023),

identificada na foto publicada no Facebook, a captura da imagem ocorreu durante seu período de estágio no magistério do Colégio Madre Bárbara, no ano de 1973. Durante a entrevista, Lau recordou que, no dia da fotografia, as crianças realizaram uma apresentação de trabalho, uma atividade proposta por ela, relacionada à área da saúde, e por isso estavam usando toucas de enfermeiro.

Ela também destacou que a professora titular, Zuleica, estava presente no local, mas que não apareceu na foto. O momento culminante da ocasião foi a própria fotografia, registrada por Sebaldo, que foi especialmente convidado para registrar esse momento (Lau, 2023). Segundo a entrevistada:

Naquela época, não existiam muitos fotógrafos, eram poucos que tinha. Cada vez que a gente precisava, a gente chamava e o Sebaldo estava sempre pronto para nos ajudar. Então ele vinha, tirava fotos, inclusive de apresentações no Madre Bárbara. [...] Era prestativo, não era daqueles que fazia empecilho para ir num lugar. Ele estava sempre disponível, em todos os lugares (Lau, 2023).

Durante a entrevista, Vera Lau começou falando que não lembrava de detalhes sobre o momento em que a foto foi tirada. No entanto, à medida que a conversa evoluiu, ela recordou de novas informações, como, por exemplo, de que se tratava de um momento de apresentação dos alunos sobre o tema saúde.

Além disso, ressaltou que essa ocasião representou uma das raras vezes em que esteve em uma sala de aula, já que não seguiu como professora de escola, e sim como professora de cerâmica. Vera Lau também relatou que, ao se deparar com a imagem publicada na página do Facebook, decidiu revelar em um tamanho maior, com o objetivo de manter essa lembrança viva e próxima dela (APÊNDICE A).

Fiquei bastante emocionada quando vi essa foto e aí eu até mandei fazer essa foto depois porque eu não tinha essa foto [...] pra eu ter de lembrança e inclusive das pessoas que foram meus alunos. É uma lembrança muito boa: dos trabalhos que a gente fazia, da dedicação que eu tinha com os trabalhos. Naquela época a gente fazia os trabalhos a mão [...] Mas foi uma época muito boa mesmo (Lau, 2023).

O Colégio Madre Bárbara, onde a fotografia foi feita, em 1973, foi fundado em 30 de janeiro de 1897. É uma das mais antigas instituições de ensino da cidade de Lajeado. De acordo com as informações disponíveis no site oficial do Colégio Madre Bárbara, a oferta de formação de professores iniciou em 1941, evoluindo para a criação do Curso Normal em 1943. Conforme os registros do site, o Madre Bárbara foi

pioneiro no oferecimento do Curso Normal no interior do Estado do Rio Grande do Sul e já formou mais de 1.900 professores. Posteriormente, a instituição passou por uma mudança de denominação, tornando-se a Escola Normal Madre Bárbara, e, a partir de 1996, passou a se chamar Colégio Madre Bárbara, como é conhecida atualmente.

8 INTERPRETAÇÕES A PARTIR DA ANÁLISE

Através da aplicação das metodologias de análise iconográfica e interpretação iconológica, adaptadas da arte para a fotografia por Boris Kossoy, foi possível extrair diversas interpretações que serão agora, neste capítulo, associadas aos autores previamente estudados.

Em primeiro lugar, a análise revelou-se eficaz na recuperação parcial das informações contidas nas fotografias selecionadas de Sebaldo para esta pesquisa. Enquanto a análise iconográfica significa a interpretação a partir do documento reproduzido, a análise de interpretação iconológica busca aprofundar-se no contexto original em que a fotografia foi concebida no passado.

Para Kossoy, cada fotografia possui sua própria história, contudo, seu valor histórico só é verdadeiramente percebido quando é devidamente analisada e contextualizada. Nesse sentido, o autor destacou a importância do contato com cronistas e pessoas da comunidade como essencial para realizar esse resgate de informações. E foi isso que essa pesquisa também se propôs a fazer.

De acordo com Soulages (apud Oliveira, 2018), a fotografia é incompleta e necessita de um espectador para que as histórias por trás de uma imagem sejam reveladas. E os espectadores, ou melhor, as fontes desta análise específica, desempenharam um papel crucial na recuperação do contexto que envolve cada fotografia.

A partir das entrevistas com as pessoas fotografadas, foi possível extrair algumas observações significativas. Primeiramente, é que todos os entrevistados

aceitaram prontamente a participar da pesquisa e expressaram a sua honra e alegria em contribuir com uma pesquisa sobre Sebaldo, o que indica que ele de fato era uma pessoa querida e lembrada pela comunidade até hoje.

Os participantes já haviam sido escolhidos com base nas suas capacidades de lembrar e descrever o contexto das fotografias. Logo, todos eles tinham recordações do momento em que a foto foi tirada no passado, embora com algumas limitações. Em alguns casos, detalhes específicos, como a data exata da captura, não puderam ser recordados, o que é compreensível, uma vez que, em algumas situações, já se passaram cerca de 50 anos desde o clique de Sebaldo. Mas Oliveira (2018) argumenta que lembrança e esquecimento não são opostos, e sim, vivem em uma relação dialética pois não existe lembrança sem esquecimento e vice-versa.

Durante as entrevistas, as fontes, além de contextualizarem a fotografia, compartilharam memórias pessoais e detalhes sobre a personalidade do fotógrafo Sebaldo ao serem questionadas pela pesquisadora. Os entrevistados reforçaram que ele era uma pessoa solícita, presente e considerado um patrimônio histórico.

Além disso, algumas delas expressaram emoções ao relembrar os momentos capturados. Em alguns casos, isso aconteceu devido aquilo que extrapola a composição da imagem, como no caso de Rita de Cássia, que se emocionou ao recordar sua mãe na plateia.

Por sua vez, Marisa se emocionou, pois disse que naquela época, a fotografia não era um recurso acessível a todos, e essa é uma das poucas fotos que ela tem de sua adolescência. Essas reações destacam o poder das imagens em evocar emoções e demonstram que essas fotografias de Sebaldo continuam a comover as pessoas, mesmo décadas após terem sido tiradas. Diferentemente das "imagens para esquecer," um termo de Michel de Oliveira em sua obra para se referir a fotografias em que os retratados prefeririam não se recordar, as imagens selecionadas aqui se enquadram no conceito de "imagens para lembrar," como definido por Oliveira (2018). Tanto é assim que as memórias, todas positivas, ainda estão presentes e emoções continuam a surgir.

Também é importante destacar que as fotos representam apenas um fragmento da realidade. Mas Kossoy (2014) destaca que, mesmo que sejam fragmentos, as fotografias conseguem revelar informações valiosas sobre o assunto, o fotógrafo e a tecnologia utilizada, além de oferecerem insights significativos sobre o

momento capturado, importantes para serem utilizadas como um complemento de um documento fotográfico.

Outra consideração é que as lembranças compartilhadas pelos entrevistados são uma visão singular do passado. Isto é, pode ser que outras pessoas que aparecem nas fotos podem ter perspectivas e memórias diferentes das pessoas entrevistadas nesta pesquisa. Isso vem de encontro a explicação de Flusser (2011), que destaca que o valor da fotografia está na mensagem que ela transmite, e não na própria materialidade do objeto fotográfico. Sendo assim, este valor é atribuído pelas pessoas que possuem relações diferentes com as imagens.

Embora tenham sido interpretadas a partir de poucas perspectivas, sugere-se que essas imagens representam vivências e testemunhos do que a comunidade lajeadense possa ter vivido e vivenciado de alguma maneira. Ou seja, são memórias não somente individuais, mas sim coletivas.

Além disso, o trabalho fotográfico de Sebaldo revelou sua relevância ao capturar eventos de grande importância na vida das pessoas e da história da cidade. Suas fotografias comprovam de maneira incontestável que esses eventos de fato ocorreram. Pois como bem observado por Sontag (2004), as fotos são provas que atestam que algo realmente aconteceu, assim como afirma Dubois (1993).

Como exemplo disso, Sebaldo capturou o primeiro desfile de Marisa em um carnaval, bem como o marco histórico da participação feminina no bloco "Explode Coração" em Lajeado. Além disso, Sebaldo eternizou um momento espontâneo dos sócios de um dos maiores eventos de Lajeado atualmente, a Festa à Fantasia. Também deixou registros raros, como o momento em que Vera Lau esteve em sala de aula, bem como documentou um momento em uma das escolas mais antigas da cidade. Ele também capturou uma apresentação musical de Rita de Cássia, que recorda da presença de sua mãe na plateia.

Sebaldo presenciou e registrou diversos momentos, hábitos e tradições da comunidade de Lajeado desde praticamente o seu início. Alguns desses costumes ainda perduram na cidade até os dias atuais. No entanto, é importante ressaltar que o que está documentado nas fotografias dele são instantes únicos, e muitos eventos tomaram rumos distintos desde então, pois segundo Sontag (2004), as fotografias capturam pessoas em um local e momento específico de suas vidas, reunindo pessoas e objetos que, em questão de segundos, podem seguir diferentes caminhos.

E foi o que aconteceu. Kossoy (1971) já dizia que de todo o processo, a fotografia pode ser a única a permanecer.

Sebaldo não foi o primeiro e único fotógrafo da cidade. Durante as pesquisas em jornais, foram encontradas fotografias com créditos de outros fotógrafos da época. No entanto, o Sebaldo tornou-se uma figura icônica pois tem suas características e trabalho lembrado até os dias de hoje. Isso vem de encontro ao que Oliveira (2023) mencionou, que embora existissem outros fotógrafos na cidade na mesma época em que a foto foi capturada, Sebaldo se destacava por seu trabalho de "serviço de campo". Ele buscava espontaneamente oportunidades de registro em eventos, mesmo quando não havia sido contratado.

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como objetivo geral compreender o valor das imagens fotográficas de José Sebald Hammes para a documentação da história social da cidade de Lajeado. Além disso, objetivou descrever José Sebald Hammes e sua relação com a fotografia, compreender a relação de fotografia, documento histórico e memória, explicar a metodologia de análise iconográfica e de interpretação iconológica, bem como analisar fotografias selecionadas de Sebald de acordo com a análise iconográfica e interpretativa iconológica propostas por Boris Kossoy.

Sendo assim, todos os objetivos desta pesquisa foram alcançados. A começar pelos específicos, pode-se dizer que a investigação sobre a vida de Sebald foi crucial para a compreensão de sua personalidade e da sua relação com a fotografia. Esta investigação tornou-se também uma espécie de biografia. Esse levantamento da história de vida de Sebald englobou diversos materiais e fontes, fornecendo uma base sólida para a metodologia proposta por Boris Kossoy, que também tem como propósito entender mais sobre o fotógrafo e suas tecnologias. A partir deste levantamento, foi possível perceber que Sebald era visto como uma pessoa com personalidade e hábitos peculiares. Assim como ele mesmo se descrevia, Sebald foi uma pessoa alegre, tolerante, sensível e paciente. Mas ele esqueceu de se autodescrever como também solícito, presente e educado, como mencionado por Silva (2023) durante a entrevista.

A relação entre fotografia, documento histórico e memória, abordada na pesquisa, destacou que o valor de uma imagem vai além da superficialidade do objeto,

estando intrinsecamente ligado ao contexto em que foi produzida no passado. Também ficou claro que embora toda fotografia comprove de que algo realmente aconteceu, ela é apenas um fragmento de uma realidade. Ou seja, vale ressaltar que as fotografias analisadas neste trabalho mostram apenas um instante de uma realidade, escolhido a partir de uma escolha do fotógrafo. O que ele deixou de fora do quadro não há como saber.

Durante o estudo, os termos de iconografia e iconologia foram contextualizados desde o seu surgimento. Esse método, adaptado para a fotografia pelo autor Boris Kossoy, que guiou grande parte deste trabalho, mostrou-se fundamental para desvendar informações valiosas que originaram as fotos na primeira realidade, ou seja, no passado. Como parte desta análise, assim como sugerido por Kossoy, foi necessário entrevistar pessoas que aparecem retratadas nas imagens. Ficou evidente que a fotografia por si só é silenciosa, até que alguém dê vida a ela. Os entrevistados foram peças fundamentais neste resgate, compartilhando suas lembranças sobre a fotografia selecionada. Como consequência, esta pesquisa acabou valorizando o conhecimento popular. Por meio desta metodologia, foi possível compreender o contexto e o espaço-tempo em que as fotografias foram produzidas, até daquilo que não aparece no enquadramento da imagem.

Ao retomar o objetivo principal, conclui-se que o valor das fotografias de Sebaldo é subjetivo. Não há como mensurar e quantificar em números. O valor se manifestou nos testemunhos e recordações daqueles que tiveram momentos de suas vidas registradas pela lente de Sebaldo ou que possuem algum vínculo com as imagens. Os depoimentos enriquecem as fotografias, atribuindo significados profundos e inclusive conexões emocionais. As narrativas pessoais, tão valiosas quanto as imagens em si, complementaram as fotografias, auxiliando na compreensão do passado e até do presente.

Cada fotografia analisada registrou fragmentos de momentos únicos e históricos que, de outra forma, poderiam cair no esquecimento com a passagem dos anos, caso não houvesse registros. Na época em que Sebaldo atuou na cidade, os eventos sociais representavam uma parte significativa da vida social da cidade. No carnaval, por exemplo, praticamente a comunidade inteira se mobilizava para participar de alguma forma, seja desfilando ou prestigiando. Alguns costumes acabaram se transformando e hoje em dia novos atrativos passaram a fazer parte da vida social dos lajeadenses.

Mas a relevância do trabalho de Sebaldo vai além do simples ato de documentar eventos. São registros afetivos da vida da comunidade e da história social. Os eventos sociais, as celebrações e os momentos cotidianos, como do Colégio Madre Bárbara, por exemplo, tornam-se peças de um quebra-cabeça que compõe a memória coletiva da cidade. Sebaldo não apenas registrou, mas também preservou a alma e a identidade de Lajeado da época por meio de suas fotografias. Estas fotos, até onde se sabe, não foram publicadas nos jornais da cidade na época, o que as tornam ainda mais únicas.

Ou seja, o valor das fotografias de Sebaldo está na singularidade de cada momento e na capacidade dessas imagens de transcender o tempo. Seu trabalho também mostra a evolução da comunidade e de seus costumes ao longo do tempo.

A partir da pesquisa, também ficou evidente que as pessoas possuem vivas lembranças de Sebaldo, especialmente de sua personalidade. Se o objetivo do Sebaldo era melhorar a vida das pessoas na Terra, a pesquisadora ousaria em dizer que este objetivo foi cumprido com sucesso. Provavelmente, Sebaldo continuará a ser lembrado através das fotografias que deixou e da sua personalidade. A pesquisadora deseja que as recordações, tanto sobre a pessoa do fotógrafo quanto sobre seu trabalho, se perpetuem de uma geração para outra, preservando assim o legado valioso que ele construiu.

Essa pesquisa também trouxe reflexões internas para a autora. Conduzir o estudo não foi apenas enfrentar desafios, mas uma jornada de descobertas. A pesquisadora está contente com as revelações sobre Sebaldo, alguém de quem ela tem poucas lembranças pessoais, mas muitas histórias contadas por outras pessoas. A pesquisa teve um impacto emocional profundo na autora, reafirmando sua vocação profissional: a fotografia.

Além disso, a pesquisadora acredita que esta pesquisa é apenas a primeira de muitas que ainda serão feitas, e torce para que novos trabalhos a respeito da biografia e da obra de José Sebaldo Hammes sejam feitos, considerando principalmente o fato de que há um número enorme de fotografias em seu acervo e de possibilidades para se trabalhar. Por fim, a autora também manifesta seu interesse pessoal em dar continuidade a essa pesquisa caso optar por continuar seus estudos com mestrado e doutorado. Uma das ideias é realizar um documentário que retrata quem foi Sebaldo. Outra é realizar os sonhos do próprio Sebaldo: construir um museu em sua

homenagem ou publicar dois livros, não sobre filosofia e nem teologia, mas sim, sobre a fantástica história de vida deste homem.

REFERÊNCIAS

AFONSO, C. G. Fotografias de Guilherme Glück: uma metodologia para análise da imagem fotográfica da paisagem cultural da Lapa, PR. **Terr@Plural**, Ponta Grossa, v.15, p. 1-14, 2021. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/tp/article/view/16706/209209215329>. Acesso em: 15 jun. 2023.

ARAÚJO, C. L. de; BARBOSA, C. de L. Imagens da Pandemia no Instagram: Um Estudo de Caso do Perfil covidphotobrazil. **Revista Comunicando**, [s.l.], v. 10, n. 1, p. 40–64, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.58050/comunicando.v10i1.59>. Acesso em: 12 maio 2023.

BARTHES, R. **A câmara clara**: notas sobre a fotografia. Tradução de Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BARTHES, R. **O óbvio e o obtuso ensaios críticos III**. Rio de Janeiro. Nova Fronteira, 1990.

BARZOTTO, X. Sambas enredo. **Jornal O Informativo do Vale**. Ed. 26 de fevereiro de 1981. Jornal Impresso.

BARZOTTO, X. Um carnaval de mulheres bonitas. **Jornal O Informativo do Vale**. Ed. 17 de fevereiro de 1981. Jornal Impresso.

BORGES, M. E. L. **História e fotografia: história & REFLEXÕES**. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

CARNAVAL começa hoje às 21 horas. **Jornal O Informativo do Vale**. Ed. 28 de fevereiro de 1981. Jornal Impresso.

CARNAVAL de rua em Lajeado começa às 21 horas. **Jornal O Informativo do Vale**. Ed. 26 de fevereiro de 1981. Jornal Impresso.

CARNAVAL na região: **Jornal O Informativo do Vale**. Ed. 26 de fevereiro de 1981. Jornal Impresso.

CHAVES, M. R. Paróquia Santo Inácio de Loyola comemora 140 anos neste sábado. **Gaúcha ZH**, Porto Alegre, 30 jul. 2021. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/almanaque/noticia/2021/07/parouquia-santo-inacio-de-loyola-comemora-140-anos-neste-sabado-ckrqxhnf10072013bqhp08eg4.html>. Acesso em: 03 nov. 2023.

CHEMIN, B. F. **Manual da Univates para trabalhos acadêmicos: planejamento, elaboração e apresentação**. 4 ed. atual. e ampl. Lajeado: Editora Univates, 2022. Disponível em: https://www.univates.br/editora-univates/media/publicacoes/315/pdf_315.pdf. Acesso em: 02 jun. 2023.

COLÉGIO MADRE BÁRBARA. Sobre a Unidade de Educação. **Colégio Madre Bárbara**, Lajeado, 2023. Disponível em: <https://www.redeicm.org.br/madrebarama/historico/#:~:text=Em%201975%20foi%20criado%20o,denominar%2Dse%20Col%C3%A9gio%20Madre%20B%C3%A1rbara>. Acesso em: 03 nov. 2023.

COMEÇAM os preparativos finais para o Carnaval 81. **Jornal O Informativo do Vale**. Ed. 26 de fevereiro de 1981. Jornal Impresso.

COSTA, L. **Entrevista concedida a Pietra Darde**. Lajeado-RS, 2023.

DARDE, L. **Entrevista concedida a Pietra Darde**. Lajeado, RS, 2023.

DELAVALD, S. Gente: Os fatos de Sebaldo, um fotógrafo folclórico. **Revista Stalo**, **Jornal O Informativo do Vale**, Lajeado, 1990.

DUARTE, J.; BARROS, A. (org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2015.

DUBOIS, P. **O ato fotográfico e outros ensaios**. Campinas: Papius, 1993.

ESTA é a ordem de entrada das Escolas das Escolas na Julinho. **Jornal O Informativo do Vale**. Ed. 26 de fevereiro de 1981. Jornal Impresso.

FALEIRO, B.; AMARAL, J. Histórias e fantasias há 30 anos. **Grupo A Hora**, Lajeado, 20 abr. 2022. Disponível em:

<https://grupoahora.net.br/conteudos/2022/04/20/historias-e-fantasias-ha-30-anos/>. Acesso em: 03 nov. 2023.

FONTCUBERTA, J. **A câmera de Pandora: a fotografia depois da fotografia**. Tradução: Maria Alzira Brum. São Paulo: Editora G. Gilli, 2012.

FLUSSER, V. **Filosofia da caixa preta: Ensaio para uma futura filosofia da fotografia**. São Paulo. Editora Annablume, 2011.

GASPAROTTO, C. Fotógrafo pioneiro hoje vive em meio ao lixo. **Jornal O Informativo do Vale**. Ed. 02 de dezembro de 2011. Jornal Impresso.

GASPAROTTO, C. Morre, aos 85 anos, fotógrafo Sebald. **Jornal O Informativo do Vale**. Ed. 30 de janeiro de 2014. Jornal Impresso.

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. F. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GRÄFF, D. Falecimento de Sebald Hammes - A última foto. **O Informativo do Vale**, Lajeado, RS, 2014.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. Cidades e Estados. **Lajeado**. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/rs/lajeado.html>. Acesso em: 15 jun. 2023.

KALKMANN, M. **Entrevista concedida a Pietra Darde**. Lajeado-RS, 2023.

KAPPLER, D. **Entrevista concedida a Pietra Darde**. Lajeado-RS, 2023.

KOSSOY, B. **Os tempos da fotografia: o efêmero e o perpétuo**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2007.

KOSSOY, B. **Realidades e ficções na trama fotográfica**. 5. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2016.

KOSSOY, B. **Fotografia & História**. 5. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2014.

KUBRUSLY, A. C. **O que é a fotografia**. Coleção 82 - Primeiros passos. São Paulo: Editora brasiliense, 2003.

LACERDA, R. Entrevista José Sebald Hammes: Quero revelar o rosto de Cristo em cada pessoa. **Jornal O Informativo do Vale**. Ed. 23 de setembro de 2002. Jornal Impresso.

LAJEADO. Câmara de Vereadores. **Lei Nº 10.337, de 28 de dezembro de 2016**. Denomina de “BELVEDERE JOSÉ SEBALDO HAMMES” o Belvedere localizado no entroncamento das Ruas Julio de Castilhos e Oswaldo Aranha, Bairro Centro. Lajeado, 2016. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a2/rs/lajeado/lei-ordinaria/2016/1034/10337/lei-ordinaria-n-10337-2016-denomina-de-belvedere-jose>

sebaldo-hammes-o-belvedere-localizado-no-entroncamento-das-ruas-julio-de-castilhos-e-osvaldo-aranha-bairro-centro?q=sebaldo. Acesso em: 11 jun. 2023.

LAJEADO. Câmara de Vereadores. **Projeto de lei CM Nº 100-04/2016**. Denomina de “BELVEDERE JOSÉ SEBALDO HAMMES” o Belvedere localizado no entroncamento das Ruas Julio de Castilhos e Oswaldo Aranha, Bairro Centro. Lajeado, 2016. Disponível em: https://www.lajeado.rs.leg.br/uploads/materia/18036/projeto_arquivo_1850_1480422012.pdf. Acesso em: 11 jun. 2023.

LAJEADO poderá ter o maior Carnaval dos últimos anos. **Jornal O Informativo do Vale**. Ed. 26 de fevereiro de 1981. Jornal Impresso.

LAJEADO. Prefeitura Municipal. **História**. Disponível em: <https://www.lajeado.rs.gov.br/conteudo/3028/931?titulo=LAJEADO>. Acesso em: 15 jun. 2023.

LAJEADO. Secretaria do Desenvolvimento Econômico, Turismo e Agricultura (SEDETAG). Lajeado, 2023. Disponível em: <https://www.lajeado.rs.gov.br/conteudo/3010/965/3059?titulo=DESENV.+ECON.%2C+TURISMO+E+AGRIC>. Acesso em: 23 maio 2023.

LAU, V. V. **Entrevista concedida a Pietra Darde**. Lajeado-RS, 2023.

LIMA, E. C.; ARAUJO, C. L. de. Ricardo Stuckert e Lula: Uma Análise Iconológica e Iconográfica da Fotografia. **Anais do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Intercom**, [s.l.], 1 a 10 de dezembro de 2020. Disponível em: <https://www.portalintercom.org.br/anais/nacional2020/resumos/R15-0370-1.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2023.

LOHMANN, R.; BARROS, A. T. M. P. A objetividade no fotojornalismo: do testemunho ao traço do real. **Comunicação & Inovação**, [s.l.], v. 19, n. 40, p. 56-70, 2018. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/254545/001077045.pdf?sequence=1#:~:text=O%20car%C3%A1ter%20testemunhal%20da%20foto,no%20tempo%20e%20no%20espa%C3%A7o>. Acesso em: 01 jun. 2023.

LOHMANN, R.; BARROS, A. T. M. P. Escapes da retórica da objetividade nas fotografias do Jornal Zero Hora. **Rizoma**, Santa Cruz do Sul, v. 4, n. 1, p. 138, 2016. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/148086/001001657.pdf?sequence=1#:~:text=Os%20escapes%20da%20ret%C3%B3rica%20da%20objetividade%20no%20fotojornalismo%20se%20d%C3%A3o,%2C%20marcantes%2C%20que%20traziam%20inquietação>. Acesso em: 01 jun. 2023.

LORDES, G. Precursor do tradicionalismo na região completa 65 anos. **Grupo A Hora**, Lajeado, 06 jul. 2019. Disponível em: <https://grupoahora.net.br/conteudos/2019/07/06/precursor-do-tradicionalismo-na-regiao-completa-65-anos/>. Acesso em: 03 nov. 2023.

MARTINI, R. À memória do Sebaldo. **Jornal A Hora**, Lajeado, 15 fev. 2020. Disponível em: <https://grupoahora.net.br/conteudos/2020/02/15/a-memoria-de-sebaldo/>. Acesso em: 11 jun. 2023.

MATOS, M. V. de. Os usos do passado nos anos de chumbo: uma análise iconográfica e iconológica de um atlas de educação moral e cívica (1971). In: FREYESLEBEN, A. F.; KOSTECZKA, L. A. P. **História e Cultura: Historiografia em tempos de urgência**, [s.l], v. 10, n. 1, 2021. p. 392-413. Disponível em <https://ojs.franca.unesp.br/index.php/historiaecultura/issue/view/150>. Disponível em: 17 jun. 2023.

NAZÁRIO, M. E. dos S.; MATHIAS, T. T. Análise iconográfica e interpretação iconológica da Educação Física: utilização de memes do ciberespaço. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 34, n. 65, p. 01 -24, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/86204/52196>. Acesso em: 05 abr 2023.

NOVAES, A. R. Geografia e história da arte: apontamentos para uma crítica à iconologia. **Espaço e cultura**, Rio de Janeiro, n. 33, p. 43-64, 2013. Disponível em: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/>. Acesso em: 10 jun. 2023.

OLIVEIRA, M. de. **Saudades eternas: fotografia entre a morte e a sobrevivida**. 1 ed. [s.l]: EDUEL, 2018.

OLIVEIRA, M. **Entrevista concedida a Pietra Darde**. Lajeado-RS, 2023.

ORGANIZAÇÃO foi o ponto alto do carnaval de Lajeado. **Jornal O Informativo do Vale**. Ed. 05 de março de 1981. Jornal Impresso.

PANOFSKY, E. **Significado nas artes visuais**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

PEIXOTO, L. O fotógrafo - parte dois. **O guarda-chuva de Laura**, Lajeado, 29 jul. 2011. Disponível em: https://guardachuvadelaaura.blogspot.com/2011/07/roteiro-para-o-um-curta.html?fbclid=IwAR1zof8IXfeFly8RT2ffaASfWumdYBwNJ189mwfDvbpNx8RX0_KsJKVIUWg . Acesso em: 11 jun. 2023.

PEIXOTO, L. Um fotógrafo para a posterioridade. **O guarda-chuva de Laura**. Lajeado, 07 jul. 2009. Disponível em: <https://guardachuvadelaaura.blogspot.com/search?q=sebaldo> . Acesso em: 11 jun. 2023.

RAINHA das Piscinas no CTG. **Jornal O Informativo do Vale**. Ed. 24 de fev de 1994. Jornal Impresso.

RESULTADO final no baile do CTC. **Jornal O Informativo do Vale**. Ed. 19 de fevereiro de 1981. Jornal Impresso.

ROUILLÉ, A. **A fotografia: entre documento e arte contemporânea**. São Paulo: Senac, 2009.

SANTAELLA, L. **Imagem: Cognição, Semiótica, Mídia**. 2015. São Paulo: Iluminuras, 2015.

SEBALDO. **Facebook**: sebaldo1928. Disponível em: https://www.facebook.com/Sebaldo1928?locale=pt_BR. Acesso em: 11 jun. 2023.

SILVA, R. C da. **Entrevista concedida a Pietra Darde**. Lajeado-RS, 2023.

SONEGO, M. J. F. A fotografia como fonte histórica. **Historiæ**, [s.l.], v. 1, n. 2, p. 113–120, 2011. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/hist/article/view/2366>. Acesso em: 15 jun. 2023.

SONTAG, S. **Sobre fotografia**. Tradução: Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

TOGNI, A. C. **Entrevista concedida a Pietra Darde**. Lajeado-RS, 2021.

UNFRIED, R. O uso da iconografia e da iconologia para a análise de fotografias e recuperação da história de Londrina. **Encontro Nacional de Pesquisa em Comunicação e Imagem – ENCOI**, Londrina, PR. 24 e 25 de novembro de 2014. Disponível em: <http://www.uel.br/eventos/encoi/anais/TRABALHOS/GT7/O%20USO%20DA%20ICONOGRAFIA%20E%20DA%20ICONOLOGIA.pdf>. Acesso em: 01 jun. 2023.

WEISS, R. F. Carnaval no Vale: décadas de história. **Grupo A Hora**, Lajeado, 21 fev. 2023. Disponível em: <https://grupoahora.net.br/conteudos/2023/02/21/carnaval-no-vale-decadas-de-historia/>. Acesso em: 03 nov. 2023.

APÊNDICES

APÊNDICE A – VERA LAU E A FOTOGRAFIA IMPRESSA



Fonte: Da autora (2023).

ANEXOS

ANEXO A – CERTIDÃO DE NASCIMENTO


REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL
Comarca de Arroio do Meio
ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL

DONATO THOMAS
Oficial do Registro Civil das Pessoas Naturais de Arroio do Meio

CERTIDÃO DE NASCIMENTO
breve relatório

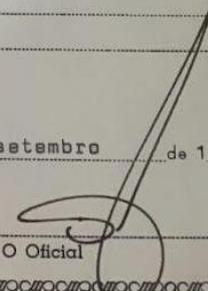
CERTIFICO que, no dia 02 de outubro de 1 928 foi lavrado no livro n.º A-9 às folhas 48 sob n.º 264 o assento de nascimento de " JOSÉ SEBALD HAMMES " nascido no dia 04 / 09 / 1 928 (quatro de setembro de mil novecentos e vinte e oito), às dez horas, do sexo: masculino.
Filho de Pedro Izidor Hammes e de Anna Hammes.
Foi declarante: José Linck e testemunhas às constantes do termo.

Observações: São avós paternos: Felipe Hammes e Anna Hammes; e avós maternos: Jacob Spaniol e Elisabetha Spaniol.

X
 X
 X
 X
 X

referido é verdade e dou fé.

Arroio do Meio, 16 de setembro de 1 988


O Oficial

PODER JUDICIÁRIO
REGISTRO DE PESSOAS
NASCIMENTO
Arroio do Meio - RS
Donato Thomas
Oficial